

QUEM QUEM

Na Indústria Farmacêutica em Portugal 2021



O Jornal Económico

SAÚDE  ONLINE

Inovação rima com desburocratização

Propriedade

Megafin, Sociedade Editora SA

Diretor

Filipe Alves

Diretor Adjunto

Shrikesh Laxmidas

Subdiretores

Leonardo Ralha e Lígia Simões

Editor de Projetos Especiais

Ricardo Santos Ferreira

Conteúdos Editoriais

Cláudia Brito Marques (SaúdeOnline) e Ricardo Santos Ferreira

Área Comercial

Cláudia Sousa (Diretora), Elsa Soares, Isabel Silva, Ana Catarino e Cristina Marques Ricardo Anaia e João Sala (SaúdeOnline)

Fotografia e coordenação

Cristina Bernardo

Design e Paginação

Rute Marcelino (coordenadora)

Impressão

Finepaper

Revista distribuída com **O Jornal Económico** nº 2095 de 28 de maio de 2021

Sede e Redação

Rua Vieira da Silva 45, 1350-342 Lisboa



Cláudia Brito Marques

Diretora de Informação da SaúdeOnline

Dados divulgados recentemente pelo Infarmed, a propósito do Dia Internacional dos Ensaios Clínicos (20 de maio), mostram que a Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde autorizou 155 ensaios clínicos em 2020 – de um total de 187 pedidos (o que representou um aumento de 30% face a 2019) – ao mesmo tempo que conseguiu reduzir o tempo de resposta.

De salientar que a maioria destes pedidos partiu da indústria farmacêutica (167), sendo os restantes académicos (20).

Os ensaios clínicos são, sem dúvida, o grande “motor” da inovação em Saúde, muito em concreto da inovação terapêutica/farmacológica. Já a “chave na ignição”, unanimemente apontada pelos players no terreno, parece ser a desburocratização dos procedimentos. Mandatória é a chamada “a bordo” da sociedade civil, uma vez que – e conforme advoga o diretor da Unidade de Ensaios Clínicos do Infarmed, Joel Passarinho – só com o aumento do recrutamento de doentes é que se conseguirá que as entidades promotoras de ensaios clínicos vejam Portugal como atrativo.

No que à desburocratização diz respeito, a esperança deposita-se, em parte, sobre o novo regulamento europeu de ensaios clínicos, que entrará em vigor em janeiro de 2022.

Com esta nova regulamentação, seja qual for o número de países em que o promotor queira desenvolver o ensaio, o pedido será submetido uma única vez, através de uma plataforma informática, e avaliado de forma coordenada, com a intervenção dos vários Estados-membros. Estima-se que esta sincronia ao nível dos processos e dos critérios de avaliação possa permitir reduzir a burocracia e a redundância de procedimentos, encurtando o tempo de resposta para autorização.

A inovação em Saúde há muito que já não é uma opção, mas antes uma aposta inevitável no sentido do crescimento económico do país e da robustez na sua capacidade de competir internacionalmente. Para que essa inovação dê frutos e resulte em criação efetiva de valor, é fundamental garantir o acesso à mesma. A expectativa é a de que o apelo recente da APIFARMA, enquadrado na Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, para a criação de um Fórum Multilateral de Alto Nível para Melhorar o Acesso à Inovação em Saúde, seja uma via verde nesse sentido.

Neste “Quem é Quem na Indústria Farmacêutica em Portugal – 2021”, projeto editorial desenvolvido em parceria pelo Jornal Económico e pela plataforma SaúdeOnline, auscultamos, além dos principais protagonistas da indústria farmacêutica (IF) a nível nacional, agentes governamentais dos setores da Saúde e da Economia, reguladores, economistas da saúde, académicos, consultores e investigadores e ninguém parece ter dúvidas: A Saúde será o setor pivot da retoma económica pós-pandemia. E a IF terá, naturalmente, um papel estratégico neste contexto, perpetuando a sua missão de criação de valor na Saúde, na Economia e na Sociedade.

JE O Jornal Económico

em parceria com

SAÚDE ONLINE

MESA REDONDA



O Jornal Económico

A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA COMO MOTOR DA RETOMA

2 JUNHO | 15h00

TEMAS

- A resposta à pandemia de Covid-19
- A inovação na saúde e o potencial económico da indústria farmacêutica
- As perspetivas das empresas para o pós-pandemia

CONVIDADOS

Jaba Recordati

**Nelson
Pires**

General Manager Recordati UK /
Recordati Ireland



Astellas Farma

**Filipe
Novais**

Diretor Geral
da Astellas Farma



MSD

A confirmar

Powered by:



Acompanhe em direto na plataforma multimédia JETV, em www.jornaleconomico.pt



P6

06

Análise

A indústria farmacêutica portuguesa tem crescido mais do que a economia, com uma forte componente de vendas ao exterior, mas ainda tem caminho para fazer. A questão é saber como aproveitar as oportunidades que o enquadramento pós-pandemia possa trazer.



P8

08

Entrevista

João Neves, secretário de Estado Adjunto e da Economia, quer maior ambição para a indústria farmacêutica, porque há oportunidades a aproveitar, pelo novo enquadramento pós-pandemia e pelos recursos que Portugal terá disponíveis.



P12

12

Entrevista

O presidente da APIFARMA – Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, João Almeida Lopes, analisa a resposta à pandemia de Covid-19 e vê o sector da saúde como essencial na recuperação económica e social da Europa. Diz, também, que Portugal “deve ser mais competitivo” na investigação clínica.



P15

15

Opinião

Pedro Pita Barros, Professor da Cátedra “BPI | la Caixa” de Economia da Saúde na Nova Schol of Business and Economics escreve sobre “a indústria farmacêutica no pós-pandemia e a recuperação da economia”

20

Fórum

Agentes do mercado em discurso direto sobre inovação e tendências de desenvolvimento

29

Diretório

Diretório das mais relevantes empresas farmacêuticas a operar em Portugal

O pivot da retoma económica pós-pandemia

A indústria farmacêutica portuguesa tem crescido mais do que a economia, com uma forte componente de vendas ao exterior, mas está ainda abaixo das médias europeias. Há oportunidades para explorar, a questão, agora, é saber como aproveitar da melhor forma o processo de recuperação económica e as mudanças que a geopolítica pode trazer.

O sector da saúde viveu o último ano sob os holofotes, globalmente, pela emergência criada pela pandemia de Covid-19, que testou a resposta dos sistemas ao limite. O desempenho da indústria farmacêutica mediu-se pela capacidade de correr contra o tempo, no desenvolvimento e disponibilização de vacinas, que nos dão a possibilidade de encarmos de forma mais otimista a retoma dos contactos sociais e a reabertura das atividades económicas.

Só que, não podemos olhar esta resposta como uma situação isolada, mas como o culminar de um processo de crescimento contínuo. Em Portugal, a indústria do medicamento cresceu a uma taxa média anual de 2,7%, entre 2000 e 2016, um ritmo 0,4 pontos percentuais mais rápido do que o do conjunto da economia nacional. Segundo os dados de um estudo da Apifarma – Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, o contributo do sector para o produto interno bruto (PIB), em 2016, foi superior em 1,5 mil milhões de euros ao verificado no início do período analisado. As exportações tiveram um papel fundamental nesta evolução, ao aumentarem 160% numa década, para mais de 1,1 mil milhões de euros, no ano passado.

Joaquim Cunha, diretor-executivo do Health Cluster Portugal, justifica este desempenho um alinhamento da cadeia de valor da saúde em Portugal com as tendências globais, que assentam fortemente na inovação, ou seja, no investimento em investigação e desenvolvimento (I&D), que o secretário de Estado Adjunto e da Economia, João Neves, considera ser o principal fator da transformação. O que

é facto é que houve um aumento significativo do investimento no sector, que um estudo da consultora EY mostra ter-se expandido a uma taxa média anual de 40%, entre 2014 e 2018, mais do que duplicando o crescimento do investimento na indústria transformadora e colocando o país no topo da Europa. Se compararmos, no último ano do período analisado, o peso do volume de negócios da indústria

farmacêutica na indústria transformadora era de apenas 1,4%, mas o do investimento quase triplicava, para 4%.

“O forte investimento em I&D é um fator crucial na indústria farmacêutica, sendo a indústria com maior despesa e refletindo-se num maior grau de emprego qualificado”, refere a EY.

Este desenvolvimento do sector, ainda que muito relevante, coloca-o, no



entanto, ainda longe de pares europeus. Dados de 2016 mostram que o peso do PIB português é inferior em um terço ao que se registava em Itália e era metade do peso do sector na economia da vizinha Espanha. Ou seja, ainda existe uma grande margem para progressão. A questão que se coloca é o que fazer para que se concretize, especialmente, tendo em conta as tendências de evolução e os ajustamentos ao mercado global que deverão resultar da crise pandémica.

Num estudo muito recente, de abril, Dennis Ostwald, um dos fundadores do germânico WifOr Institute, considerava o sector da saúde como um dos “motores do crescimento económico e do emprego” na União Europeia, e, assim, um dos pilares da recuperação económica pós-crise pandémica, porque “10% do VAB [valor acrescentado bruto] e 12% do emprego na Europa estão relacionados com a economia da saúde”. E o mercado global

vai continuar pujante. De acordo com o estudo produzido pela EY, prevê-se uma aceleração acentuada da taxa de crescimento das vendas de medicamentos sujeitos a receita médica, que deverão crescer 7,4%, entre 2020 e 2026, mais do que triplicando o passo de expansão do período imediatamente anterior. “Este crescimento será estimulado pelo lançamento de novos medicamentos ao longo dos próximos anos”. Os produtos biotecnológicos deverão crescer a uma taxa superior à dos produtos convencionais e define-se uma tendência, também, para “os fabricantes se orientarem para o desenvolvimento de medicamentos para o tratamento de doenças especializadas, com um número menor de doentes”, aponta a consultora. “Oncologia e biotecnologia continuam a dominar o pipeline de I&D, com a terapia genética a registar um crescimento expressivo no último ano”, acrescenta.

A chave do investimento

A chave para o desenvolvimento do sector será, sempre, o investimento. Dennis Ostwald considera que a pandemia “pôs em evidência a necessidade de salvaguardar a força inovadora destas indústrias líderes na Europa”, reforçando o investimento em I&D, até porque, a indústria farmacêutica europeia tem vindo a enfrentar concorrência crescente dos Estados Unidos e de mercados emergentes mais dinâmicos, como a China e Índia, o que, segundo a EY, tem contribuído “para uma migração gradual de atividades económicas e de investigação da Europa para estes mercados com dinâmicas de crescimento aceleradas”.

A resposta à pandemia promete alterar este quadro, porque Europa e Estados Unidos querem investir na autonomia do sector da saúde, com cadeias de abastecimento mais seguras, que possam responder a choques disruptivos (como uma pandemia) ou a tensões geopolíticas. Isso mesmo está patente no roadmap para o sector da saúde proposto pela Comissão Europeia, que tem como pilares a garantia de acesso a medicamentos a preços acessíveis para os pacientes e a abordagem das necessidades médicas não atendidas, mas também apoiar a competitividade, inovação e sustentabilidade

da UE na indústria farmacêutica e o desenvolvimento de produtos de alta qualidade, seguros, medicamentos eficazes e mais verdes. Isto, num quadro com uma melhor “preparação para crises” e com “mecanismos de resposta diversificados e cadeias de abastecimento seguras”, que permitam “lidar com a escassez de medicamentos”.

João Almeida Lopes, presidente da APIFARMA – Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, diz que “a Europa percebeu a necessidade de adquirir autonomia estratégica na área da saúde, colocando em marcha um plano para alcançar esse grande desígnio, onde se incluem a reindustrialização da Europa e a criação de uma reserva estratégica de produtos de saúde”, o que terá de ser feito “com o apoio e contributo das empresas farmacêuticas e biotecnológicas europeias” (ver entrevista nesta edição).

Para Portugal, há aqui oportunidades que podem ser aproveitadas no eventual encurtamento das cadeias de produção e abastecimento, mas será necessária uma estratégia de desenvolvimento integrada para uma indústria “largamente concentrada em tecnologias de produção convencionais”, diz a EY.

A EY aponta como pilares para o desenvolvimento a exploração do conhecimento do sistema científico e tecnológico nacional, interligando a indústria e centros de saber, como afirma também João Neves. Depois, ganhando escala na capacidade produtiva instalada em tecnologias estabelecidas a apostando em “mercados de maior dimensão”. A seguir, identificando as tendências de inovação relevantes e potenciando o aproveitamento de produtos, até porque, “apesar da aposta mais recente na I&D, a indústria farmacêutica nacional apresenta um rácio de produtos tecnológicos muito pouco relevante no contexto europeu, praticamente sem presença de indústria biotecnológica”. Finalmente, apostando “em boutiques de áreas de síntese química” e em “nichos de API para produzir pequenas séries flexíveis de qualidade e em prazos reduzidos”, orientando a produção “para responder a oportunidades do mercado nacional, europeu (e norte-americano)”.

“Não nos podemos dar por satisfeitos com o crescimento que temos”

A indústria farmacêutica tem crescido em Portugal, duplicou as exportações numa década e investe mais na investigação, mas o secretário de Estado Adjunto e da Economia diz que é necessária maior ambição. Em entrevista, diz que há oportunidades a aproveitar, pelo novo enquadramento pós-pandemia e pelos recursos que Portugal terá disponíveis.

Os empresários da saúde e da indústria farmacêutica queixam-se de que o sector nem sempre vê reconhecido o seu papel na economia e que é encarado mais pela função social. Como é que o Ministério da Economia olha para este sector?

A indústria do medicamento tem, evidentemente, uma dimensão económica que é inegável. Representa uma atividade muito relevante do ponto de vista da geração de emprego, qualificado, e da criação de produto, e, nesse sentido, é um sector económico como os outros. Mas temos claro que o medicamento é um bem com características especiais, é um bem com valor reforçado, que responde a necessidades básicas das pessoas e das sociedades. Essa dimensão social que está associada àquilo que é o produto da atividade económica do sector do medicamento é, também, inegável.

Tem de se olhar para esta articulação entre a dimensão económica e a dimensão social, com os valores em que em cada uma das diferentes áreas devemos ter em atenção. Não há contradição entre essa dimensão social, que resulta de uma atividade económica.

O que mudou nestes sectores e que ensinamentos podemos guardar deste período de pandemia?

Esta crise vem colocar desafios novos, não apenas em Portugal, mas também à União Europeia (UE), naquilo que é uma perceção sobre cadeias longas de produção com difi-

culdades de ajustamento em função de crises muito expressivas – que pode ser uma pandemia, mas também o [acidente no] Canal do Suez, uma guerra localizada ou um terremoto – e deve levar-nos a pensar. Coloca-nos o desafio de encontrarmos um equilíbrio entre a dimensão da globalização, da abertura dos mercados e da inter-relação entre atores à escala global. Para Portugal isto é bom, porque, como temos um mercado interno muito pequeno, não faz sentido pensar numa autarcia que pudesse sustentar o nosso desenvolvimento económico.

Também é bom termos a consciência de que não podemos ser ingénuos, do ponto de vista daquilo que é o jogo de forças à escala global. Não apenas Portugal, mas a UE. Há aqui uma dimensão de ajustamento que, evidentemente, temos de fazer.

Falou-se muito na necessidade de reindustrialização da Europa. Há a possibilidade de, no caso de Portugal, esta ideia passar também por sectores como a saúde e a indústria farmacêutica?

Sim, julgo que sim. Nós podemos não ter um sector com uma dimensão muito grande, evidentemente, mas temos uma taxa de penetração daquilo que é a atividade económica centrada nas diferentes áreas do medicamento, desde os princípios ativos até ao fim da cadeia [de valor], com menor expressão do que a que existe noutros países europeus e há aqui um caminho que

pode ser feito. Temos muito boas empresas, competitivas, como a Hovione, na área da produção de princípios ativos, que é uma empresa de reconhecida capacidade a nível global e é uma das poucas que subsiste com centros de produção na Europa e em Portugal, em concreto. Esta é uma das áreas onde ficou mais à vista a questão das cadeias [de abastecimento longas] e da localização das produções com dificuldades.

Há espaço para, de forma mais equilibrada, termos condições de uma maior presença em diferentes atividades. A UE tem dificuldades na produção com base em biotecnologia, portanto, há um espaço de intervenção muito alargado nessa dimensão. Estamos mais atrasados do que os Estados Unidos e era muito interessante que à volta também da reorientação a que se está a assistir entre produtos de base química e em biotecnologia termos na Europa e em Portugal um espaço de investimento e de intervenção mais significativo.

São produtos em que o cruzamento entre os centros do saber em Portugal, que são bons em algumas áreas e o ponto vista empresarial pode ser feito. Dou um exemplo: o iBET [Instituto de Biologia Experimental





e Tecnológica] participou na conceção de base da vacina da Moderna [da Covid-19]. Portanto, nós não estamos fora do radar das atividades, precisamos é de ter maior massa crítica, maior presença dessas pequenas coisas que vamos fazendo e que não têm a dimensão crítica que é necessária.

Portugal pode captar investimento direto estrangeiro nestas áreas. É esse o caminho, mais do que o crescimento orgânico deste ecossistema?

Estamos a assistir a isso pelas duas vias. Estamos a assistir a investimentos significativos das empresas de capital nacional, já presentes no ecossistema, e, também, das empresas que já estão presentes em Portugal e que são de capitais internacionais. Está a haver uma diversidade de investimentos. Julgo que está muito associada, por um lado, a alguma mão de obra qualificada de que dispomos, [mas também] a estabilidade do ponto de vista daquilo que são as condições de presença em Portugal.

Há aqui algumas condições para podermos fazer evoluir diferentes áreas deste ecossistema, quer nas fases mais associadas à pro-

dução de conhecimento, quer naquelas que depois têm que ver com o valor económico que lhes está associado.

Esta é uma área muito dependente da inovação e os números mostram que o investimento em investigação e desenvolvimento tem aumentado.

Disse que somos ainda um sector pequeno, mas já consegue ser relevante internacionalmente na investigação?

Sim, em algumas áreas muito específicas. Referi a questão do iBET e da Genibet, que são exemplos muito significativos, mas há outros pequenos centros na área da investigação, nomeadamente associado aos tumores, em que temos uma presença significativa; também temos um centro muito interessante em Coimbra, à volta das questões da visão. Portanto, em áreas relativamente específicas, temos relevância, do ponto de vista da produção de conhecimento, e somos atores reconhecidos ao nível internacional, mesmo que sejamos pequenos. E é esse o mote principal – temos um investimento que está a crescer em I&D [investigação & desenvolvimento], do lado empresarial sobretudo, com alguma dificuldade

do lado público, mas há espaço para crescer e nós não nos podemos dar por satisfeitos com este crescimento que temos, porque, em termos percentuais, temos um valor de investimento inferior à média da União Europeia e não temos condições tão distintas assim dos outros países, nomeadamente com a dimensão do nosso. Portanto, há aqui um espaço de oportunidade. Muitas vezes se diz que é porque o nosso mercado interno é pequeno ou porque os preços dos produtos em mercado são relativamente baixos, isso tudo é verdade, mas não explica a situação. Também temos outros países, como a República Checa, a Bélgica, em que os níveis dos preços ainda são mais baixos do que a média em Portugal e o número de ensaios clínicos é muitíssimo superior, em média, face à população. Nós temos até um sistema interessante – um protocolo entre a APIFARMA e as autoridades públicas –, que confere algumas vantagens a quem faz investimento em I&D em Portugal versus as contribuições que têm de ser pagas pela indústria.

As coisas estão a acontecer, mas estão a acontecer a um ritmo que ainda não é aquele que nós desejaríamos.

Apontou que temos alguma capacidade que podemos explorar. Notamos nas exportações na área da saúde, que na última década duplicaram. O que é que mudou para que tivéssemos esta evolução?

Basicamente, mudou o nível de investimento das empresas. Ao mesmo tempo que há essa progressão que é a duplicação do valor das exportações na última década, temos assistido a um crescente nível de investimento das empresas. Digamos que a melhoria das condições ao nível da produção de algumas empresas e alguma especialização naquilo que são as capacidades produtivas que temos – e isto é feito com uma mistura entre empresas de base nacional e de base internacional que aqui se localizaram – é que permitiu essa mudança e esse crescimento. Mas também aí temos de ter mais ambição.

Dou muito valor àquilo que é a evolução das exportações, mas nós ainda temos um défice comercial muito significativo na área dos medicamentos, ao contrário da generalidade dos países da UE. Apesar de termos, também, em muitos países, uma dimensão da capacidade de produção não tão elevada quanto isso, normalmente têm balanças comerciais que são equilibradas ou excedentárias. Isso não acontece em Portugal; os últimos números, de 2016, apontam para 1,6 mil milhões de euros de défice comercial, o que é significativo, face à dimensão do nosso mercado. E com algum crescimento

das importações, o que é natural. O nosso sistema de saúde é bom; apesar de tudo, os resultados que nós obtemos em saúde são bons e o acesso, que às vezes é muito criticado pelos operadores do mercado, poderia ser mais facilitado, mas não é assim tão restritivo. É por isso que as importações aumentam, sobretudo nos produtos mais recentes, com impacto em doenças que ainda não têm resposta.

A saúde representará cerca de 10% do PIB [produto interno bruto] e a indústria farmacêutica representará cerca de um quarto disto. Refere que é preciso mais ambição, mas como é que este peso pode aumentar?

É sempre muito complexo fazer um percurso de crescimento orgânico quando temos uma desproporção grande entre as nossas empresas, mesmo as maiores, face àquelas que existem no mercado europeu e no mercado mundial. Mas há muitas empresas a fazer esse percurso. Os grupos portugueses não são muitos, mas são grupos a olhar para a frente, ou seja, a tentar fazer investimentos e a aumentar as suas capacidades de produção. Os centros de produção, hoje, em Portugal, não têm nada a ver com os que existiam há 10 anos; são todos muito melhores.

Há aqui um percurso a fazer: parece claro que, apesar de existir, o cruzamento entre ciência em Portugal e redes de ciência a

partir dos centros de investigação e desenvolvimento e as nossas empresas tem de ser mais dinâmico, porque temos de ganhar capacidades também por via da incorporação de conhecimento nos produtos que, em algumas áreas, são produtos com pouco valor, comparado com aquilo que é a média do mercado, e isso limita o crescimento de algumas empresas.

O investimento é um desafio, a investigação também. Como podemos ultrapassar a questão da dimensão? Pela consolidação?

Não sei se é pela consolidação, porque há uma característica nos nossos grupos empresariais que é terem uma base familiar e é sempre muito complexo fazer um processo de consolidação a partir de percursos económicos que têm uma base familiar. Mas há aqui um espaço de colaboração. Temos, até por força da existência dos programas que vamos ter no futuro próximo, nomeadamente o PRR [Plano de Recuperação e Resiliência], um espaço para atividades de natureza colaborativa, para projetos em consórcio, que podem responder um pouco a essa ambição, que tem de ser partilhada naquilo que não é concorrencial e, depois, explorada de forma diferente pelos vários atores. Julgo que há espaço para essa dimensão de colaboração e o health cluster é muito relevante para isso.

Referiu o PRR. De que forma podem os recursos a que Portugal vai aceder ajudar a resolver alguns destes desafios, como o investimento em inovação?

Uma das áreas com recursos significativos que vamos ter, com cerca de 1.000 milhões de euros, tem a ver com projetos de agendas mobilizadoras de inovação empresarial, que visam, precisamente, responder a desafios específicos, que permitam fazer mudanças estruturais em atividades. Claramente, há aqui uma oportunidade para utilizar recursos de forma dirigida, com impacto. Há espaço e eu sei que há ideias, nomeadamente do lado do Health Cluster e de algumas empresas, para se apresentarem a esses concursos, que vamos lançar agora, antes do verão, para estabelecer consórcios que permitam construir dentro da ambição de que falámos.





O Jornal Económico

Atualize os seus dados
para a próxima edição



Envie os seus dados para:

Telef: 217 655 300

E-mail: comercial@jornaleconomico.pt

“A saúde terá um papel crucial na edificação de uma nova Europa”

O presidente da APIFARMA – Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, João Almeida Lopes, analisa a resposta à pandemia de Covid-19 e vê o sector da saúde como essencial na recuperação económica e social da Europa, com a indústria farmacêutica como um dos pilares do processo. Diz, também, que Portugal “deve ser mais competitivo” na investigação clínica.

Olhando para o último ano, considera o investimento da indústria farmacêutica na procura de vacinas contra a Covid-19 pode ter “canibalizado” outras inovações terapêuticas?

A indústria farmacêutica manteve o investimento, a investigação e a realização de ensaios clínicos nas áreas terapêuticas cujas necessidades exigem mais trabalho. Estamos onde está o doente e assumimos plenamente que atingir este objetivo é uma parte essencial da nossa missão. Ninguém tem dúvidas de que o acesso à inovação, em tempo e com equidade, é um dos pilares que sustentam qualquer sistema de saúde e, conseqüentemente, suportam uma sociedade moderna.

A Covid-19 não afastou a indústria farmacêutica da sua missão primordial. Pelo contrário, esta pandemia reforçou o nosso compromisso: fomentar a inovação e o desenvolvimento de novos medicamentos, vacinas e meios de diagnóstico que respondam às necessidades de tratamento e prevenção de novas doenças, ao mesmo tempo que disponibilizamos soluções que melhorem a saúde e a qualidade de vida das pessoas, contribuindo desta forma para o desenvolvimento económico e social.

Por se tratar de uma emergência global, a suspensão das patentes não poderia ser uma das vias para acelerar a produção de vacinas?

O verdadeiro desafio da produção de vacinas em grande escala decorre da complexidade do processo, da necessidade de infraestruturas e do conhecimento técnico, essenciais para aumentar a ca-

pacidade e produzir os milhões de doses necessárias.

A suspensão de patentes de vacinas contra a covid-19 não só não aumentará a capacidade global de produção como colocará em risco o combate a esta crise de saúde global. Ou seja, desvia o foco dos verdadeiros desafios associados ao aumento da produção e distribuição de vacinas a nível global, nomeadamente a complexidade técnica, as barreiras comerciais, os constrangimentos verificados nas cadeias de abastecimento, a escassez de matérias-primas na cadeia de abastecimento ou a indisponibilidade dos estados para dialogar.

No limite, a suspensão de patentes representará uma quebra de confiança e um forte desincentivo para a investigação de novas variantes, novos diagnósticos, novos tratamentos e novas vacinas para combater o coronavírus.

A única forma de garantir a disponibilização célere e o acesso equitativo e universal às vacinas é através do diálogo pragmático e da colaboração entre os sectores públicos e privado. Foi por isso que as empresas farmacêuticas já assina-

ram quase 300 acordos de transferência de tecnologia para alargar a produção e distribuição de vacinas contra a covid-19, um nível sem precedentes, baseado em parcerias.

É fácil ser-se inovador na saúde em Portugal, hoje?

A pandemia de Covid-19 tem acarretado um custo criticamente pesado para a saúde física, mental e social das pessoas e para a economia do país. Mas, como todos os acontecimentos radicais que invocam a mudança, ela também nos convoca, pessoas, sociedade e poder político, a realizar um exercício prospetivo sobre o que podemos e devemos mudar para um futuro melhor e mais previdente em Portugal.

É, por isso, fundamental não desperdiçar o desafio de redirecionar o nosso futuro coletivo, reequacionando o tipo de investimentos que queremos para Portugal. O relançamento de uma nova economia para Portugal, assente no conhecimento, na investigação e inovação, nas ciências da vida e na biomedicina, é uma oportunidade real para dar um contributo decisivo para o crescimento de forma sólida e estruturada do nosso país, com impactos consistentes e significativos ao nível do emprego, das exportações, do fortalecimento do tecido industrial e do investimento direto externo.

A título de exemplo, refira-se a Investigação clínica, área na qual Portugal pode e deve ser mais competitivo, em que pode ter argumentos para convencer as biotecnológicas internacionais e captar mais ensaios clínicos, com ganhos para o doente, para o Estado e para os profissionais de saúde.

“

A suspensão de patentes de vacinas colocará em risco o combate a esta crise de saúde global”



Cooperar ou ficar para trás

Em Abril passado realizou-se a Conferência 3 A's (availability, accessibility, affordability) organizada pelo INFARMED no âmbito da presidência portuguesa da EU. Principal conclusão: a ideia de que a cooperação entre Estados e reguladores é fundamental para melhorar a acessibilidade ao medicamento e a tecnologias de saúde inovadores. O último ano prova-o: em tempo recorde foi possível alcançar uma solução para um problema global, muito graças a essa cooperação entre Estados e reguladores. Mas não só, nem sobretudo. Houve também estreita colaboração dentro da indústria farmacêutica e o cuidado desta de abordar a pandemia com uma postura mais próxima da public policy do que da estrita lógica comercial (abdicando da margem sobre a vacina na fase de combate à pandemia); e houve ainda, em países que “ousaram” ir por aí, uma cooperação intensa e orientada em função de critérios de eficiência entre os sectores publico, privado e social da saúde, com vantagens significativas para todos os envolvidos, pessoas à cabeça.

Não devemos ter ilusões, a investigação científica e a descoberta de novas terapêuticas, numa época em que a expectativa e os indicadores de saúde estão mais elevados do que nunca, continuará a implicar investimentos elevadíssimos. Só uma cooperação aberta e fair a estes vários níveis – internacional, institucional, intersectorial e dentro de cada uma das indústrias e profissões da saúde – pode mitigar custos, exponenciar os ganhos em saúde e segurar o padrão elevado que demorou séculos a alcançar.



Eduardo Nogueira Pinto
sócio da PLMJ, coordenador da área de Saúde, Ciências da Vida e Farmacêutico.

www.plmj.com/pt/



Na inovação, continuam a existir desigualdades, com os países do Sul da Europa (como Portugal) a aguardarem, em média, mais tempo que os do Norte para terem acesso a novas terapêuticas? O que é preciso para alterar a situação?

Primeiro, assumindo essa vontade, estreitando a cooperação entre todas as partes. A IF quer que os medicamentos, as vacinas e os diagnósticos cheguem a todos os que deles precisam. Todos falhamos quando isso não acontece. As desigualdades no acesso aos cuidados de saúde, nomeadamente aos medicamentos inovadores, são sobretudo reflexo dos diferentes níveis de priorização que cada um dos estados atribui à saúde. A realidade é que diferentes visões sobre requisitos de evidência, avaliações de valor e decisões de financiamento afetam significativamente o tempo necessário para disponibilizar medicamentos inovadores em cada um dos países. Portanto, é premente harmonizar este período de avaliação e de disponibilização, garantindo a equidade no acesso à inovação dentro do Espaço Europeu.

Sabemos que o combate a essas equidades depende também da indústria farmacêutica. Estamos disponíveis para o diálogo para melhorar a disponibilidade e reduzir os atrasos no acesso às tecnologias de saúde. Por isso, reforçamos a necessidade, mas sobretudo a disponibilidade, de constituir um Fórum de Alto Nível para Melhorar o Acesso à Inovação em Saúde, tal como proposto pela European Union Health Colition.

Partilhamos uma agenda comum para um futuro mais saudável, e o tempo de agir é agora. É, por isso, fundamental que o Parlamento Europeu eleve a ambição europeia na avaliação das tecnologias de saúde e lute por uma simplificação clara e objetiva, que promova a redução do atrito nas áreas regulatórias, assegure a competitividade global do quadro legal de Propriedade Industrial Europeu, e permita evoluir para modelos de financiamento que considerem o valor acrescentado dos medicamentos para a sociedade na sua total amplitude.

Qual a importância, na atual conjuntura, da “Declaração do Porto” em defesa dos sistemas de saúde?

A “Declaração do Porto”, iniciativa do Conselho Nacional da Saúde da CIP, é desde logo virtuosa porque agrega mais de 20 entidades nacionais e europeias em prol da sustentabilidade dos sistemas de saúde e da qualidade de vida das pessoas. O choque provocado pela pandemia de covid-19 tornou bem evidente os benefícios da cooperação entre os organismos públicos e a iniciativa privada, ao permitir uma resposta inicial articulada não só no combate a este desafio como na contenção dos seus efeitos colaterais.

Naturalmente o texto surge no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeias, mas a ideia é se os seus princípios fundadores se enraizem nas instituições europeias, nomeadamente a necessidade de dialogar, de sentar todos

os parceiros da saúde à mesma mesa para garantir acesso aos melhores cuidados de saúde, em equidade e no tempo certo.

Só assim conseguiremos responder às legítimas expectativas das pessoas e aos desafios demográfico, aos desafios da carga de doença, aos desafios tecnológicos. Só assim conseguiremos garantir acesso aos cidadãos, em tempo útil, a sistemas de saúde mais inclusivos, mais resilientes e mais sustentáveis.

O que podemos esperar da IF no pós-pandemia, tendo em conta o lema de compromisso da APIFARMA “Não deixar ninguém para trás”?

A saúde exercerá um papel absolutamente crucial na edificação de uma nova Europa, que se deseja mais global, mais resiliente, mais equitativa, mais digital e mais sustentável. Sabemos que existe um consenso generalizado quanto ao papel da saúde na recuperação económica e social da Europa.

No entanto, há que aprofundar este entendimento e aceitar que a indústria farmacêutica é um dos pilares estratégicos e operacionais essenciais para colocar em marcha a necessária e desejada recuperação.

Em Portugal e na Europa liderar na saúde, para não deixar ninguém para trás, implica apostar na criação das condições para renovar o pacto da indústria farmacêutica com as pessoas, a sociedade e a economia.

Temos de ter bem presente que os desafios pós-pandémicos são colossais: o desafio da recuperação económica e a urgência da recuperação da atividade assistencial do Sistema de saúde exigirão de nós – governantes, decisores, agentes económicos, sociedade – um empenho, um compromisso e uma cooperação nunca experienciados. E se, no curto prazo, a vacinação nos indica o caminho para o início da recuperação, também é verdade que a médio prazo viveremos uma nova pandemia na Saúde, em resultado dos inúmeros tratamentos interrompidos, das consultas adiadas e dos diagnósticos que ficaram por realizar. Será preciso coragem e determinação para reerguer o sistema de saúde e reconquistar a dedicação de todos os profissionais deste ecossistema.

A indústria farmacêutica no pós-pandemia e a recuperação da economia



PEDRO PITA BARROS

Professor da Cátedra "BPI | la Caixa" de Economia da Saúde, Nova Schol of Business and Economics

Na resposta à pandemia covid-19 surgiu com grande destaque a capacidade da indústria farmacêutica (IF) em produzir uma vacina (com várias empresas a serem bem sucedidas), e com esforços para encontrar uma solução terapêutica para a infeção (ainda sem sucesso). É por isso natural que ganhando proeminência as preocupações com futuras emergências de saúde, e a procura de respostas terapêuticas com base em medicamentos, que se veja este setor como central. De um ponto de vista de atividade económica, o resultado é a aposta, de muitos países, no setor farmacêutico como parte importante do esforço de criação de valor e de recuperação económica. Daqui decorrem dois grandes desafios para as empresas do setor de base nacional. Primeiro, terão que se posicionar pelo menos no espaço europeu num prazo curto. Segundo, terão elevada concorrência de empresas de outros países.

A pandemia da covid-19 reavivou, a nível global, três exigências sobre a atividade da IF: a necessidade de gerir excessos de procura de forma rápida e imprevisível, a necessidade de reorientar capacidade de produção, e dificuldades acrescidas na gestão de cadeias logísticas. Em termos europeus, estas necessidades levaram a uma intenção de aumentar a dimensão da IF na

Europa, como forma de reduzir pressões futuras nas cadeias de abastecimento.

As empresas portuguesas terão que se movimentar neste espaço, e não apenas no espaço nacional.

É consensual que importantes oportunidades de criação de valor estarão associadas ao desenvolvimento de inovação, seja de produtos finais (novos medicamentos) seja de processos. O desenvolvimento da utilização de metodologias de inteligência artificial no processo de criação de novos medicamentos é uma das grandes esperanças para o futuro, e a criação de valor aqui exige que a IF se ligue a áreas científicas das ciências da computação e da saúde. Também nos próprios processos de fabrico são esperadas inovações decorrentes da aplicação destas metodologias. A identificação e introdução de novas ideias é uma oportunidade de criação de valor importante, passível de ser iniciada com pequena dimensão, mas facilmente escalável para um mundo global. Mas, muitas outras entidades estarão a pretender fazer o mesmo. A agilidade no funcionamento terá que acompanhar forçosamente a exploração e desenvolvimento de novas ideias.

O desenvolvimento de novos produtos farmacêuticos é muito dispendioso, e exige uma capacidade financeira e dimensão das empresas que torna difícil que este seja o caminho principal para o afirmar da potencialidade da IF como geradora de valor acrescentado na economia. Igualmente relevante, ou até provavelmente mais relevante, será a capacidade de inovação em contributos para as cadeias de valor globais. Não se deve descuidar a importância crescente dos processos produtivos flexíveis, com a criação da capacidade de produzir pequenas quantidades de medicamentos muito específicos associados à medicina de precisão (ou medicina personalizada, outra forma

de designar a mesma necessidade de especialização).

Estas linhas de inovação beneficiarão de um estreito contacto entre o sistema científico nacional da biotecnologia e as empresas de base nacional. Aqui, o grande desafio é juntar de forma útil três tipos de intervenientes: as empresas farmacêuticas que trazem capacidade de inovação nos processos e nos produtos, entidades clínicas (do sistema de saúde, onde o Serviço Nacional de Saúde) que identificam as necessidades a satisfazer mais promissoras, e o sistema científico que traz a capacidade de inovação na fronteira do conhecimento.

Novas áreas não tradicionais da IF vão estar associadas ao acesso, gestão e de partilha de dados, quer de ensaios clínicos, quer de utilização dos seus produtos em condições reais. As questões de recolha, tratamento, transmissão, curadoria e segurança dos dados recolhidos criam oportunidades de criação de valor em processos e em novas formas de acompanhar doentes e as suas terapêuticas. Também o potencial de desenvolvimento de terapias digitais pode recolher o contributo da experiência da indústria farmacêutica, embora venha trazer empresas e entidades novas para a inovação. Será preciso um investimento em recursos humanos altamente qualificados, onde também aqui o mercado geográfico relevante para recrutamento será mundial, e não apenas nacional. A criação de ligações especiais ao sistema de ensino superior e de investigação português será certamente um elemento potenciador da atividade económica da IF, embora não seja provavelmente suficiente.

“Aprovações de medicamentos inovadores têm vindo a crescer”

A crise pandémica não resultou na redução de pedidos para novos medicamentos no mercado, revela o presidente do Infarmed. Em entrevista, Rui Ivo diz que os sistemas de farmacovigilância souberam responder de forma robusta ao desafio da segurança de utilização das vacinas contra a Covid-19.

Pelo contrário, não houve diminuição. A entrada. Dado o cenário de contração económica, verificou-se uma redução do número total de pedidos de autorização de introdução no mercado (AIM) de novos medicamentos?

Pelo contrário, não houve diminuição. A entrada de processos teve inclusive um ligeiro aumento, de cerca de 5%.

Houve situações de redução ou rutura de stock de determinados medicamentos, podem acentuar-se, fruto da conjuntura?

Esta é uma situação que o Infarmed está a acompanhar a nível europeu e nacional. De acordo com as informações disponíveis, quer ao nível da Agência Europeia de Medicamentos, quer das agências reguladoras europeias e também pela Associação Europeia da Indústria Farmacêutica, poderão ocorrer dificuldades ao nível da indisponibilidade de alguns medicamentos biológicos e respetivos componentes a médio prazo.

Estamos a intervir em articulação com os titulares de autorização de introdução do mercado que operam em Portugal para que, no quadro das suas responsabilidades de abastecimento adequado, regular e contínuo do mercado, de notificação antecipada de ruturas, de manutenção de stocks de segurança e dos seus planos de prevenção de escassez, que comuniquem ao Infarmed com a maior brevidade, eventuais dificuldades que antevêm no abastecimento de medicamentos em 2021 e 2022, incluindo os que possam decorrer do aumento de produção de vacinas contra a covid-19.

Cumprе, no entanto, referir que a situação

associada à disponibilidade de medicamentos foi objeto de uma atenção reforçada por parte do Infarmed no último ano, permitindo uma melhor monitorização e controlo da situação em estreita articulação com os titulares de AIM, distribuidores por grosso e farmácias, sendo possível afirmar-se que hoje a situação apresenta melhorias visíveis. Foram implementadas medidas estruturais, nomeadamente uma intensa articulação com os titulares de AIM, distribuidores por grosso e farmácias, para uma melhor monitorização e procura de soluções de mitigação do impacto das ruturas.

Relativamente à inovação terapêutica, verificou-se algum retrocesso, dada o foco do investimento nas vacinas contra a Covid-19?

Como referido, o número de novos medicamentos autorizados tem continuado a crescer, pelo que será expeável que surjam novas opções com valor terapêutico acrescentado. O Infarmed continua a dar toda a atenção aos processos de medicamentos inovadores para que os cidadãos do nosso país tenham acesso à melhor inovação sempre que necessário. Em 2020 foram aprovados 40 processos (versus 74 em 2019 e 39 em 2018) e de janeiro a abril de 2021, foram 19 processos.

Os doentes portugueses continuam a aguardar, em média, mais de dois anos pelo acesso a novos medicamentos, por comparação a países do Norte da Europa, onde são necessários 120 dias. Como se explicam estes números e o que terá de ser feito para alterar a situação?



Em Portugal, os medicamentos inovadores que já obtiveram AIM só poderão ser utilizados pelos hospitais do SNS [Serviço Nacional de Saúde] após conclusão positiva do respetivo processo de avaliação prévia hospitalar. No entanto, em situações em que não existem alternativas terapêuticas o acesso pode ser assegurado através de autorizações de utilização excecional, no âmbito de um programa de acesso precoce. Após a avaliação regulamentar por parte da EMA, no caso dos medicamentos inovadores, o Infarmed avalia a eficácia dos novos medicamentos face aos tratamentos existentes para a doença em causa, bem como o seu impacto económico. Esta avaliação é realizada pela Comissão de Avaliação de Tecnologias da Saúde (CATS), que integra peritos clínicos com conhecimento e experiência reconhecida no tratamento de doentes nos hospitais do SNS. Trata-se de um procedimento essencial para garantir as melhores condições de aquisição dos medicamentos para os hospitais do SNS e, consequentemente, acesso de todos os cidadãos quer às terapêuticas inovadoras, quer aos demais cuidados que necessitem no contexto do SNS.

Este procedimento tem sido objeto de ma-



peamento e análise, com consequente identificação de oportunidade de melhoria. Foi já criado um procedimento de pedido de PICO após parecer positivo da EMA (antes da atribuição formal da AIM), permitindo redução do tempo de avaliação farmacoterapêutica e está em curso um ajuste na constituição da CATS permitindo uma resposta mais atempada às solicitações.

Não obstante, sempre que se verifique a ausência de alternativa terapêutica em que o doente corra o risco imediato de vida ou de sofrer complicações graves, os hospitais do SNS podem requerer ao Infarmed autorização para utilização do medicamento, antes da finalização do processo de avaliação.

Quantos novos medicamentos já foram aprovados pelo Infarmed em 2021? Em que áreas?

Foram aprovadas 19 Novas indicações/DCI (dados de janeiro a abril 2021), nomeadamente nas áreas de oncologia, sistema respiratório, sangue e sistema nervoso central.

Declarou recentemente que “o grande desafio da inovação é o binómio que encerra o valor do medicamento e demais tecnologias de saúde. O custo versus resultados é um nó que terá de ser desatado”. Como se pode desatar este nó?

Os processos de financiamento requerem uma detalhada avaliação farmacoterapêutica e farmacoeconómica, de forma a garantir racionalidade na comparticipação e aquisição das tecnologias de saúde.

Nesta perspetiva, a avaliação farmacoeconómica tem em consideração a conclusão da avaliação farmacoterapêutica, nomeadamente se o medicamento em avaliação possui um valor terapêutico acrescentado face à prática instituída, permitindo desta forma analisar a disponibilidade de financiamento de medicamentos e tecnologias de saúde que irão contribuir para acrescentar valor em termos de saúde pública. A incerteza associada aos resultados clínicos deve ser refletida no preço dos medicamentos.

Particularmente no caso de medicamentos órfãos, nos quais a evidência é frequentemente limitada, a monitorização da efetividade dos medicamentos após financiamento, associado a financiamento baseado em outcomes clínicos, é uma das medidas que potencialmente se assume como uma tentativa de “desatar este nó”.

“

Foram aprovadas 19 novas indicações/DCI (entre janeiro e abril), nomeadamente nas áreas de oncologia, sistema respiratório, sangue e sistema nervoso central”



Fazer uma melhor transformação digital e trazer valor à Indústria Farmacêutica.

Não é novidade que a criação de valor a longo prazo na indústria farmacêutica vai depender do crescimento associado à inovação, inovação essa alavancada por ferramentas digitais e analytics.

Acontece que concretizar a combinação de Pessoas, Tecnologia, Dados e Parceiros não tem sido tão simples como parece; os projetos crescem, mas os processos não são escaláveis. E com isso a promessa da criação de valor a longo prazo fica adiada.

A solução é olhar para a transformação digital de maneira diferente: em vez de trabalhar em projetos individuais (quase aleatórios) com impacto limitado, olharmos para a transformação digital de maneira holística.

Como assim holística? Falamos de criar sistemas que olham para cada sector de negócio, desde o I&D até à Descontinuação, como um todo. Sistemas que capitalizam os dados e analytics e permitem compreender como decisões a nível de validação de processo vão impactar as operações comerciais. Sistemas que, dada a sua natureza integrada são perfeitamente escaláveis e que se traduzem em valor e crescimento ao longo do tempo.

A 4TE é especialista no desenvolvimento de serviços avançados de engenharia prestados às Indústrias Farmacêutica e das Life Sciences. Serviços que consistem no desenvolvimento

destes sistemas holísticos construídos à volta da Indústria 4.0, de modelos de negócios mais ágeis, da digitalização organizacional e da modernização tecnológica.

Contamos, à data, com várias das maiores farmacêuticas do mundo como clientes dos nossos serviços e pretendemos continuar a trazer o valor real da transformação digital à indústria farmacêutica.

SOBRE A 4TE

» A 4TE oferece às Indústrias Farmacêutica e Biofarmacêutica soluções inteligentes e integradas para a Transformação Digital, Gestão de Ciclo de Vida e Gestão de Riscos de Qualidade. Com forte ênfase na excelência operacional, apoiamos estas indústrias na melhoria decisiva de todo o ciclo de vida dos seus produtos e processos – o que se traduz em aumentos substanciais de produtividade e menores tempos de chegada ao mercado. Fundada em 2004, mantemos escritórios em Lisboa e São Paulo.



Ângela Martinho
Chief Operations Officer da 4TE

www.4TuneEngineering.com

Lisboa: (+351) 216 062 788 | Av. António Augusto Aguiar N. 108 - 4, 1050-019 Lisboa, Portugal | hello@4TuneEngineering.com

“Temos necessidade de uma operação de comunicação de grande envergadura”

O ecossistema do medicamento em Portugal está cada vez mais competitivo, mas tem de atravessar fronteiras para continuar a crescer. O diretor-executivo do Health Cluster Portugal defende uma aposta forte na imagem.

As exportações nacionais em saúde têm vindo a observar um crescimento sustentado ao longo da última década, numa afirmação crescente em mercados competitivos e exigentes, como os Estados Unidos da América, a Alemanha, o Reino Unido ou a França. Quem o diz é o diretor-executivo do Health Cluster Portugal (HCP), Joaquim Cunha, que justifica estes resultados, em grande medida, pelo “alinhamento crescente da cadeia de valor nacional da saúde com as linhas de tendência globais do sector, fortemente globalizado, as quais têm na inovação o seu eixo estruturante”.

“O nosso país tem hoje uma relevante e cada vez mais competitiva cadeia de valor, que vai das universidades e institutos de investigação até às empresas, onde pontua a qualidade e a preparação dos recursos humanos”, diz, advogando que este “ecossistema” tem sido “um dos pilares dos crescimentos observados nos últimos anos e será a alavanca para o forte desenvolvimento que se ambiciona para o sector”.

No entanto, ainda há um largo trabalho a desenvolver no reconhecimento internacional de Portugal no âmbito do sector da saúde. “O diagnóstico aponta para a necessidade de uma operação de comunicação de grande envergadura. Temos que nos vender mais e melhor junto dos recetores certos”, refere.

“O reconhecimento e a reputação são dimensões em que coletivamente tere-

mos que trabalhar intensa e articuladamente nos próximos tempos, se quisermos, de facto, dar o salto significativo no nosso posicionamento externo que o potencial da cadeia de valor reclama”, frisa. “A imagem do nosso país no que à saúde diz respeito é, sobretudo, uma não-imagem. Não é negativa, o que não deixa de ser positivo, mas é sobretudo desconhecida. Não estamos nos radares”, diz. Como tal, destaca, “o desafio é grande, mas as bases existem e as condições parecem estar acessíveis: são conhecidas e estão identificadas áreas, atores, produtos e serviços de nicho, com reconhecimento à escala global, na ciência, no ensino e formação, na prestação de cuidados, nos medicamentos e nos dispositivos médicos que importa agora densificar e massificar”.

Pandemia e smart health

Olhando para o atual contexto pandémico, o diretor-executivo do HCP diz ter sempre “alguma resistência” em considerar a pandemia “como uma oportunidade”. Reconhece, no entanto, “que esta teve

“Nunca será fácil ser inovador em saúde, mas esta já não é, se alguma vez foi, uma opção”



e está a ter o efeito positivo de chamar a atenção para algumas das potencialidades da saúde, e de acelerar alguns processos como os que estão associados à melhor e mais inteligente utilização dos dados”.

Como tal, vaticina: “Julgo que a saúde que vamos ter daqui a uma dúzia de anos será o que alguns já chamam de smart health: trata-se de trazer para este universo um conjunto de tecnologias e metodologias emergentes, como a inteligência artificial e todo o potencial de manuseamento de grandes volumes de dados fazendo com que fortes avanços possam ser conseguidos na investigação, na gestão e na prestação de cuidados”.

Joaquim Cunha considera que está a caminho uma revolução na saúde. “Vamos, definitivamente, colocar o doente e o cidadão no centro, vamos privilegiar a qualidade e o valor, vamos dar à doença crónica a atenção e o cuidado que esta necessita. Vamos fazer mais e muito melhor com os mesmos recursos. Esta revolução na prestação de cuidados vai implicar outras revoluções em grande parte dos nós da cadeia de valor que lhe está associada”, sustenta. E dá um exemplo, que é a nova geração de medicamentos inovadores que está a caminho, e que, no entender do engenheiro, beneficiam de novas estratégias e ferramentas de desenvolvimento.

“Nunca será fácil ser inovador em saúde, mas esta já não é, se alguma vez foi, uma opção”, conclui.

Inovação e investigação em Biotecnologia em Portugal



PAULA M. ALVES
CEO do iBET



MANUEL J. T. CARRONDO
VP do iBET

Tal como a indústria farmacêutica, a biotecnologia tem na investigação e inovação a sua génese. O despertar da biotecnologia moderna nos anos 80 do século passado, conduziu a um investimento exponencial da indústria farmacêutica no desenvolvimento de produtos terapêuticos inovadores de origem biológica, os biofármacos. Representando atualmente oito dos dez produtos farmacêuticos com maior volume de vendas, os biofármacos no mercado são ainda marcados pela sua parca diversidade, sendo essencialmente anticorpos monoclonais e proteínas de substituição. Em contraste, o portfólio de novos produtos em desenvolvimento ou em ensaios clínicos, tem uma enorme variedade de opções sendo os ATMPs (Advanced Therapy Medicinal Products), como as terapias celulares e as terapias

génicas, utilizados para medicina regenerativa e de precisão os mais promissores. Prevê-se que em 10-15 anos um significativo número de ATMPs entrem no mercado. Em expansão estão também as novas modalidades. Este grupo inclui nanopartículas e moléculas funcionalizadas para uma ação específica, como por exemplo a entrega de um fármaco a um tipo específico de células alvo.

A complexidade do desenvolvimento destes medicamentos inovadores requer a conjugação de muitas disciplinas científicas e competências tecnológicas. Os ciclos que vão da descoberta aos ensaios clínicos são longos e requerem desde muito cedo, para além de avultados investimentos, uma crescente aproximação da indústria à investigação, à clínica, às tecnologias de informação e inteligência artificial, ou a incorporação de tecnologias de impressão 3D no desenvolvimento de soluções terapêuticas e de diagnóstico.

A pandemia de covid-19 revelou a importância da ciência e da inovação no desenvolvimento de soluções de diagnóstico, terapêuticas e tecnológicas com impacto na vida e no quotidiano de cada um. Há hoje um crescente interesse na sociedade pela biotecnologia, área que considero estratégica para desenvolvimento económico e social do país. Portugal registou nos últimos 10 anos um aumento do número de empresas de base biotecnológica atraindo investimento estrangeiro. Iniciou-se um caminho que precisa ser fortalecido.

O iBET tem acompanhado de perto o sucesso dos biofármacos posicionando-se frequentemente na linha da frente da investigação e inovação destes produtos. Através de parcerias com algumas das maiores empresas farmacêuticas e biotecnológicas internacionais, investe em investigação e tecnologias inovadoras que coloca ao serviço da economia

criando riqueza e empregos qualificados. Exemplo disso é a colaboração do iBET e da GenIbet com a Moderna entre 2015 e 2018, que contribuiu para o desenvolvimento de tecnologias de estabilização e de produção do mRNA, atualmente utilizadas na vacina contra a covid19.

Hoje as grandes áreas de investimento do iBET são as terapias génicas, oncolíticas e vacinas, com uso de vetores virais, as terapias celulares e modelos de órgãos artificiais, com células estaminais e do paciente, e o desenvolvimento de bioanalíticos para diagnóstico e caracterização de biofármacos e para apoio à área regulamentar. São estas as áreas que acreditamos terem maior futuro e que, estando em expansão acelerada, nos trazem grandes desafios. A garantia da continuidade do financiamento à investigação para dar oportunidade a que as ideias vencedoras se possam desenvolver para além dos 3-5 anos após o seu arranque; uma maior flexibilidade do processo regulatório para mais rapidamente se adaptar à diversidade dos produtos em desenvolvimento; a partilha de informação entre grupos académicos e a indústria para que as lições aprendidas por uns possam ser facilmente assimiladas pelos outros; e por último a aposta na investigação clínica em Portugal são os desafios que nos parecem mais prementes. Com a ambição de fomentar cada vez mais parcerias internacionais e continuar a atrair talentos e financiamento, trabalhamos para formar a próxima geração de cientistas, tecnólogos e engenheiros na produção destes produtos inovadores que acreditamos serem o futuro da medicina.



FORUM FARMACÊUTICAS

Ser inovador em Portugal, em 2021

A inovação é um pilar essencial para o desenvolvimento da indústria farmacêutica e condição para prosperar num mercado cada vez mais competitivo. A forma como é encarada e o enquadramento que lhe é dado para que possa conduzir a resultados são críticos. Por isso, perguntámos aos agentes do mercado, de uma forma global, como é ser-se inovador em Portugal, neste período de exceção que ainda vivemos, devido à pandemia de Covid-19, e quais são as tendências para que devemos estar a olhar, porque vão condicionar o futuro. Estas, são as suas respostas.





Nuno Brás
Diretor-geral
da LEO Pharma Iberia

No último século, as inovações em saúde salvaram milhões de vidas e permitiram um progresso económico e social profundamente significativo. A pandemia voltou a lembrar-nos de quão essencial é a inovação para as pessoas, para a sociedade e para a economia.

Portugal tem potencial para tornar-se um centro especializado em I&D, com recursos humanos qualificados e disponíveis, uma forte participação e envolvimento da comunidade académica, um sistema de recolha de dados já implementado e instituições de excelência. Segundo dados da APIFARMA, a IF em Portugal investiu 91 mil euros em I&D em 2019 e o mercado do medicamento contribui com mais de quatro mil milhões de euros para o PIB português. Estes números refletem que a capacidade de investimento existente cria valor e que as empresas da IF estão disponíveis para dar continuidade à estratégia de inovação. Com os apoios certos e incentivos por parte do Governo, Portugal poderá tornar-se um país cada vez mais relevante nesta área.

A par das terapêuticas personalizadas, temos assistido a uma grande evolução na produção de fármacos biológicos e de produtos tecnológicos e digitais aplicados à saúde. Estas duas tendências ditarão, certamente, o futuro do mercado do medicamento e a evolução dos cuidados de saúde, mas irão exigir um planeamento estratégico e a criação de parcerias entre os diversos atores dos sistemas de saúde e inteligência colaborativa. No cenário de recuperação que começamos a viver, é fundamental integrar a I&D, investindo em soluções para sistemas de saúde resilientes, eficientes e inclusivos. A Declaração do Porto, assinada recentemente por 23 instituições nacionais e europeias da Saúde, é um passo importante para esta estratégia. Além de integrar 19 pontos de entendimento sobre o valor

da Pessoa e da Saúde, o documento exorta as instituições europeias a contribuir para Sistemas de Saúde mais inclusivos, mais focados nas pessoas e na promoção da saúde, mais resilientes, mais sustentáveis, mas também mais inovadores.



Miguel Coelho
Diretor-geral
da Procure Health

Será Inovação tudo aquilo que constitui algo de novo? Existe Inovação quando se desenvolvem novos produtos, mas também novos métodos, processos ou conceitos.

A Inovação na IF está fortemente associada à investigação de novos produtos, que preenchem lacunas terapêuticas ou que constituem um avanço face às soluções existentes. Este processo de criação de novos medicamentos é altamente complexo, envolvendo elevados recursos e tempo. As estatísticas relativas ao processo de isolar uma molécula que um dia será um medicamento são muito claras. Para se conseguir obter um potencial medicamento, várias dezenas de substâncias foram estudadas e terão falhado em dado momento. Assim, os custos em Investigação decorrem do desenvolvimento de medicamentos, mas também de múltiplas tentativas sem sucesso.

Mais a jusante, encontramos a inovação que resulta da Investigação Clínica. Efetivamente, todo o plano de estudo de produtos existentes no mercado, que reforçam a sua garantia de eficácia e segurança, identificando novas indicações ou comprovando a sua utilização noutros grupos de pacientes, nomeadamente na Pediatria ou na Gravidez, acaba por se traduzir em Inovação. E que boa Investigação Clínica se faz em Portugal! Numa palavra, inovar não é fácil. Requer por parte das empresas um elevado investimento, processos morosos, levando cerca de dez anos desde que uma substância nasce nas bancadas dos laboratórios até chegar às mãos dos doentes que dela beneficiará, ultrapassados todos os obstá-

culos que a vários níveis vão surgindo. Inovar não é fácil, quando alcançamos já a fase do combate à doença em que aparentes pequenas diferenças mais do que justificam essa inovação. Hoje vivemos mais tempo e queremos viver esse tempo com qualidade. Esse é o grande desafio à Inovação. Mais do que desenvolver terapêuticas adequadas a cada doente, é fundamental que essas soluções sejam acessíveis a todos.

Num futuro próximo, graças aos avanços da Medicina e das opções terapêuticas, doenças como o cancro deixarão de ser fatais e passarão a ser crónicas. Se por um lado precisamos de formas de controlar uma doença que é crónica, o futuro da Investigação passa pela prevenção. De forma simples, trata-se de atuar antes do surgimento da doença, conferindo às pessoas os recursos e os conhecimentos necessários para serem saudáveis.

Nunca como agora se falou da necessidade de prevenção, para podermos coabitar com estes e outros ‘covids’. Esta é a Evidência de que estratégias clássicas estão atuais como nunca. Num sistema de saúde que tem um Programa Nacional de Vacinação desde 1965.



Néilson Pires
Diretor-geral
da Jaba Recordati

As companhias farmacêuticas (e as outras) podem ser inovadoras de três formas: nos produtos, nos processos e com o desenvolvimento de skills nas pessoas. Julgo que no ano 2021 a inovação vai ser focada nos dois últimos ‘Ps’ (processos e pessoas). Porque toda a I&D de produtos e o seu consequente desenvolvimento e aprovação regulamentar está atrasado pelo foco que o mundo tem na pandemia. E a inovação nestes dois ‘Ps’ ocorreu porque de repente o mundo tornou-se digital e está a tornar-se 4.0.

Mas será que as pessoas também estão? Provavelmente sim. Porém, o modelo de

negócio da IF continua a ser extremamente regulado e controlado na Europa e em Portugal. Toda a organização regulamentar está estruturada sem ter o doente no centro do sistema, mas sim o custo. Ainda assim – e com todas estas limitações – o mundo farmacêutico mudou, desde a Investigação, à comercialização, à gestão interna, à promoção. Mesmo no produto, verificamos que existe inovação e I&D não só apenas aprovada em Portugal, mas desenvolvida em Portugal: o primeiro estudo clínico aprovado pela FDA de um produto totalmente desenvolvido em Portugal pela Tech-nophage, para o pé diabético, foi aprovado e iniciou-se em Israel. E porquê Israel? Porque infelizmente Portugal continua a demorar muito na aprovação de estudos clínicos, mas acima de tudo porque todo o sistema de saúde israelita está informatizado e é totalmente eficiente para captação de doentes. Portanto, 2021 não será um ano brilhante para aprovação de inovação de produtos em Portugal, mas temos já um marco na I&D farmacêutica em Portugal.

É muito difícil fazer previsões, mais num mundo em total mudança. Mas começamos a verificar algumas tendências no mercado farmacêutico e consequente I&D. Pensemos que a sequenciação da covid-19 foi feita em apenas um mês, com a utilização da inteligência artificial (quando antes demorávamos quatro ou cinco anos). Por isso, temos vacinas ao fim de 11 meses, quando normalmente as teríamos ao final de oito anos. Analisemos também a integração do 4.0 no processo de consultas médicas via telemedicina, com a utilização de diagnósticos remotos e de dispositivos que medem o açúcar no sangue ou os níveis tensionais de forma regular, imediatamente passando a informação ao utente e ao profissional de saúde que, em caso de sinal de alarme, ativa uma emergência ou então apenas agenda uma consulta de controlo. Ou as cirurgias remotas com tecnologia desenvolvida pela IF assente na robotização. Ou a partilha de informação (exames, análises, cirurgias efetuadas que possam ser consultadas em qualquer lugar do mundo). É um admirável mundo novo!

Finalmente, na criação do mapa da saúde humana que a Google tenta criar com a Ascension, ou na quantidade de dados de saúde que a Apple detém? São inúmeros bi-

tes de dados que os grandes operadores estão a processar que com o algoritmo certo, permitem criar um médico online perfeito, que baseado nos dados existentes de grandes populações, minimiza o erro médico e avalia sintomas de forma objetiva. Armazenados na cloud e processados de forma rápida pelo 5G. Mais ainda quando todos estes dados estiverem integrados com dispositivos de diagnóstico.

Ou seja, o mundo dos new millenials na saúde já é uma realidade. Com todos os riscos que isso possa acarretar: ao nível da proteção de dados, da cibersegurança, da fiscalidade das empresas, da ética no mundo digital, da desinformação através do ‘Doctor Google’...”



Vítor Papão
Diretor-geral
da Gilead Portugal

Somos um país com tendências inovadoras e os portugueses são um povo inovador, sem sombra de dúvida. Temos tido a capacidade para criar produtos e soluções altamente disruptivas, tanto na área da saúde como em outras. O que os empreendedores em Portugal necessitam é de apoios à desburocratização dos processos e de sermos encarados como investidores na economia do país, que importamos valor e riqueza à economia através da forma como inovamos.

Somos inovadores, com potencial para o sermos ainda mais!

A minha expectativa, face ao período que estamos a atravessar, é a de que o mercado farmacêutico em Portugal cresça em 2021 e nos anos vindouros.

O envelhecimento populacional conduz a um aumento da necessidade de cuidados de saúde; neste período pandémico houve pessoas que não recorreram aos cuidados de saúde quando precisavam e, portanto, vamos ter que recuperar o tempo perdido a esse nível, com estas pessoas a precisar de mais tratamentos do que precisariam se

eventualmente tivessem recorrido aos serviços de saúde mais precocemente; igualmente certo é que o nosso trabalho de I&D de novos medicamentos não para e portanto vão continuar a surgir novas soluções para o tratamento das doenças de todos os dias, bem como para as doenças mais graves. Por estas três razões, a minha expectativa é a de que haja um crescimento do mercado farmacêutico e que esse crescimento seja encarado como criação de valor e de riqueza para o país.

Estamos a contribuir para que o país seja mais próspero e a proporcionar melhor e mais saúde aos portugueses, fazendo com que estes possam trabalhar melhor e ser mais produtivos, contribuindo desta forma para a economia e riqueza do país. Há aqui uma espiral positiva que o nosso trabalho ajuda a proporcionar e que vive de uma simbiose entre IF, profissionais e autoridades de saúde.

O facto de darmos opções aos clínicos para poderem tratar melhor os seus doentes é algo que tem impacto. Há cerca de dois anos, uma consultora fez um trabalho em que olhou para o impacto da inovação terapêutica/de medicamentos na Saúde dos portugueses e esse impacto revelou-se positivo, não só do ponto de vista clínico e de resultados em Saúde, como também em termos de contribuição para a criação de riqueza do país, através da devolução da capacidade de produção aos portugueses.



Nuno Franco
Portfolio Marketing Manager da ThermoFisher
Diagnostics Portugal

O diagnóstico laboratorial é, muitas das vezes, percecionado como uma espécie de ‘parente pobre’ do complexo puzzle da saúde. Apesar de a maioria das decisões terapêuticas serem tomadas com base em resultados de testes laboratoriais, continua a ser uma das áreas da saúde em que menos se investe. A pandemia veio, pelo menos, dar alguma visibilidade a esta área tão importante

quanto esquecida da nossa saúde. Com a consciência e a missão de contribuirmos para um Mundo mais saudável, e enquanto filial de uma multinacional, a estratégia de crescimento tem de ser observada numa lógica de adaptação local a um mercado, cuja dualidade de convivência entre o setor público e privado é geradora de uma exigência acrescida.

Podemos continuar a oferecer soluções, assentes num paradigma histórico de qualidade, rigor científico e excelência de serviço, adiciona mais um patamar de dificuldade ao desafio da inovação, que materializamos em formação online, tanto científica, como de produto, em otimização do nosso portfólio e na garantia da prestação dos nossos serviços pós-venda e de suporte, como garante de que todos os nossos clientes são Premium.

A pandemia oferece-nos mais um desafio que, necessariamente, nos prepara melhor para o pós. Tivemos a capacidade de aprofundar os laços internos da equipa, com envolvimento de todos os departamentos, capacitámos transversalmente todo o staff, garantindo que os “novos desafios” serão enfrentados com coesão, saber, responsabilidade e integridade. Mais do que vender, gostamos de proporcionar satisfação. Consistentemente.

O facto de, em algumas áreas, o diagnóstico se ter desenvolvido mais depressa que a própria terapêutica, dá-nos uma oportunidade única de acrescentar valor através de conceitos como Precision Diagnostics.

Na realidade, poder contribuir para que os doentes com patologias alérgicas e autoimunes possam ter melhor qualidade de vida, tem sido ao longo das últimas décadas, o fator motivacional que nos move. A qualidade inquestionável dos resultados laboratoriais que os nossos parceiros produzem, dão-nos a garantia de que estamos no caminho certo. Mas estamos também preparados para subir o nível de exigência e apoio científico. A complexidade da abordagem às patologias alérgicas e autoimunes tem crescido, tendo a covid-19 introduzido mais algumas variáveis numa equação que de simples nada tem e para a qual concorrem dimensões tão diversas, como as económicas, sociais, e porque não dizê-lo, políticas. Mas, também costumamos dizer, que se fosse fácil, não eramos cá precisos!



Ana Martins
Diretora-geral
da Grünenthal Portugal

É preciso continuar a olhar para a inovação como uma prioridade geradora de valor para os doentes, para a sociedade e para a economia. Este período de pandemia veio reforçar não só o valor da indústria farmacêutica, como mostrar o quão necessária é a inovação para a nossa sobrevivência. As empresas da IF mantêm-se fiéis ao compromisso de continuar a investir em inovação para garantir que novos medicamentos chegam a quem deles mais precisa. A IF é, das diferentes indústrias, a que mais investe em I&D em todo o mundo. Em Portugal, será fundamental criar políticas atrativas de investimento em I&D, com condições que permitam às empresas investir cada vez mais no nosso país, tornando-nos mais competitivos a este nível. O investimento em I&D e uma cada vez maior cooperação entre a Indústria e as Instituições Científicas devem continuar a ser encarados como uma prioridade que contribuirá também para afirmar Portugal numa União Europeia mais forte, resiliente e igualitária.

Tendo as doenças crónicas uma prevalência tão significativa na população, é imperativo continuar a investir em I&D que permita o desenvolvimento de fármacos inovadores, assim como de tecnologia que dê resposta às necessidades e que permita aos doentes viver com qualidade de vida, com maior controlo da sua doença. A ciência conheceu uma grande evolução no último ano, decorrente de toda a investigação levada a cabo para dar resposta à pandemia de covid-19, pelo que daqui em diante, este conhecimento gerado será, certamente, realocado e poderemos continuar a beneficiar das descobertas científicas realizadas também noutras áreas. Na Grünenthal, continuamos a explorar novas opções de tratamento com potencial para melhorar a vida das pessoas em todo o mundo.



Filipa Mota e Costa
Diretora Geral
Janssen Portugal

Caminhamos para uma nova era da medicina. Uma intervenção clínica ajustada à genética dos doentes, ao ambiente externo que os rodeia e ao seu histórico clínico, realizada no momento mais adequado e necessário, vai deixando a literatura de ficção e vai-se tornando cada vez mais uma realidade.

A tão ambicionada medicina de precisão trará vidas mais longas e saudáveis.

Os profissionais de saúde alcançarão melhores resultados, seja de eficácia, segurança, mas também de adesão nas suas intervenções.

Os sistemas de saúde serão mais bem-sucedidos e otimizados, com ganhos inequívocos na performance e despesa.

Os cuidadores ganharão com maior qualidade de vida, deles e de quem cuidam, produzindo e contribuindo mais para a sociedade.

E por fim, o próprio desenvolvimento dessa inovação será progressivamente mais rápido e mais eficiente.

Os dados estão cada vez mais presentes na nossa vida como um todo e no caso de desenvolvimento da ciência com um forte contributo para a sua aceleração.

Graças à Data Science foi possível, por exemplo, identificar padrões e tendências na evolução da pandemia do coronavírus, permitindo planejar e executar os ensaios clínicos da vacina de uma forma muito mais eficaz, antecipando, onde existiriam mais oportunidades de recrutamento de doentes para os estudos. Contributos como este permitiram um enorme avanço no rápido desenvolvimento da vacina.

A tecnologia é, pois, a grande impulsionadora da revolução que está a acontecer. À medida que fomos aumentando o conhecimento sobre as vias específicas das doenças, fomos gradualmente desenvolvendo abordagens cada vez mais precoces com ganhos

para o doente cada vez maiores.

Tecnologias como os biomarcadores podem ajudar-nos a antecipar o surgimento de cancro antes mesmo de acontecer. Tomemos como exemplo o caso do “Mieloma Múltiplo latente”, que aparece muitas vezes como um precursor da chegada da doença real. É exatamente nesse momento que seria importante agir. Se formos capazes de identificar as pessoas com maior probabilidade de sofrerem de uma doença específica, poderemos adotar medidas preventivas e atenuantes mais cedo. É aqui que a ciência digital e a medicina personalizada começam a tornar-se uma realidade na vida das pessoas.

Para chegarmos a esse dia, há que investir nos sistemas e infraestruturas onde os dados são armazenados, assegurar a qualidade dos dados recolhidos.

De informação dispersa e em silos, passar a informação agregada e harmonizada para utilização da ciência e da prática clínica.

Na Europa estão a ser trilhados rumos neste sentido que devem ser valorizados e robustecidos. Portugal também deve percorrer esse caminho, se quiser abraçar a nova era da medicina.



Guilherme Monteiro Ferreira
Diretor de Acesso
ao Mercado da GSK Portugal

O sector farmacêutico continua a afirmar-se como um dos mais inovadores no nosso país e com um impacto enorme na vida das pessoas e na economia. Segundo um estudo da APIFARMA, os medicamentos inovadores acrescentaram dois milhões de anos de vida saudável aos portugueses, desde 1990, com poupanças em custos diretos de cerca de 560 milhões de euros/ano. O investimento do sector farmacêutico em I&D, foi de 116 milhões de euros, em 2018, o valor mais elevado da década, sendo que, entre as 100 empresas com maior investimento em I&D em Portugal, dez são da área farmacêutica.

No que diz respeito à GSK Portugal, posso adiantar que temos em curso ensaios clínicos e estudos observacionais nas áreas da imunoinflamação, oncologia e pneumologia e que o nosso contributo para a economia local supera os 23 milhões de euros por ano, em média.

No entanto, não é suficiente investigar e desenvolver medicamentos e vacinas inovadores, há que garantir que eles chegam a quem mais precisa. Assim, é com enorme orgulho que a GSK lidera o ranking “Access to Medicine Index (ATMI)” 2021, estando em primeiro lugar entre as 20 maiores empresas farmacêuticas do mundo. O ranking, desenvolvido de forma independente, avalia o progresso que as empresas estão a fazer na melhoria do acesso a medicamentos em 106 países de baixo e médio rendimento, relativamente a 82 problemas de saúde.

Respondendo à questão sobre se é fácil ser inovador em Portugal, naturalmente que existem desafios e oportunidades de melhoria, nomeadamente, otimizar a gestão temporal dos processos de avaliação das tecnologias de saúde e procurar que a pressão financeira não se sobreponha à evidência epidemiológica e clínica, no âmbito do acesso dos doentes à inovação.

Na área oncológica, por exemplo, vemos com alguma preocupação certos indicadores, como os do estudo “Everyday Counts” da EFPIA, que relevam uma enorme disparidade no acesso dos doentes à inovação, com os doentes portugueses a terem de esperar cerca de 790 dias, em média, para terem acesso a novas terapêuticas oncológicas, enquanto os utentes da Dinamarca aguardam “apenas” 86 dias.

A estratégia de I&D da GSK centra-se no conhecimento e pesquisa em torno do sistema imunitário, no uso da genética humana e no recurso a tecnologias avançadas, sendo impulsionada pelo efeito multiplicador Ciência x Tecnologia x Cultura. Isso permite acelerar o ritmo de desenvolvimento de medicamentos e vacinas potencialmente transformadores, priorizando as moléculas com maior probabilidade de sucesso.

O recurso a esta equação, com a introdução de tecnologias avançadas, é crítico para a nossa abordagem de I&D. Assim, estamos a desenvolver as nossas capacidades e competências em Inteligência Artificial,

Machine Learning, Genómica Funcional e Terapia Celular, para acelerar a identificação e desenvolvimento de novos alvos (Medicamentos & Vacinas).

O ano passado, investimos cerca de 5,1 mil milhões de libras (cerca de 5,9 mil milhões de euros), o equivalente a 15% da nossa faturação, e temos uma equipa de 12 mil investigadores e cientistas, em todo o mundo, empenhados no conhecimento e pesquisa do nosso sistema imunitário, no uso da genética humana e de tecnologias inovadoras, para desenvolver novas abordagens terapêuticas a necessidades médicas não satisfeitas. Isto traduz-se em 40 moléculas e 19 vacinas em investigação, que acreditamos vão fazer a diferença na vida de muitas pessoas.



Eduardo Nogueira Pinto
Sócio da PLMJ, coordenador da área de Saúde,
Ciências da Vida e Farmacêutico*

Não tão fácil (ser inovador em Portugal) como seria desejável. A complexidade técnica das investigações não permite que haja inovação sem investimento, e para existir investimento é necessário haver condições atrativas, que Portugal, comparativamente, não oferece. Veja-se as dificuldades em realizar ensaios clínicos em Portugal. Apesar de haver excelentes técnicos e investigadores, a investigação clínica não tem um papel central ou especial reconhecimento. As dificuldades em realizar ensaios clínicos são exemplificativas das que impedem o país de ser um polo de inovação. As Unidades de Saúde, pela sua reduzida autonomia (e carência) financeira, estão direcionadas para um modelo mais assistencial, que não favorece a investigação. Também os profissionais, devido à sobrecarga a que estão sujeitos, não dispõem de condições ideais para se dedicarem à carreira de investigador. Tem-se ainda assim avançado, em parte graças à indústria farmacêutica, que tem aumentado o nível de investimento em ensaios, mas também ao Infarmed, que está

mais atento e célere na resposta ao tema. A pandemia e a urgência de soluções vieram desbloquear alguns entraves e evidenciar a relevância da aposta na investigação. Vamos esperar que com este impulso e uma parte dos fundos europeus seja possível dar um salto substancial em frente.

[Nas tendências atuais e futuras (a curto prazo) em termos de I&D], podemos destacar a farmacogenética, que está intrinsecamente ligada à medicina personalizada e visa a identificação de diferenças genéticas entre indivíduos capazes de influenciar a resposta à terapêutica farmacológica, melhorando a sua eficácia e segurança, e a nanotecnologia, em campos como a medicina e a cosmética, que também se encontra em crescimento promissor e é já uma nova esperança para o tratamento de diversas doenças, incluindo COVID-19, como as novas vacinas M-Rni indicadas para esta doença.

**em colaboração com Bartolomeu Soares de Oliveira e Rita Antunes da Cunha, da PLMJ*



José Redondo
Membro do Conselho
de Administração da Bial

Em Portugal não é fácil ser-se inovador, independentemente do sector de atividade, o que se agravou em 2021, pelas condicionantes resultantes da pandemia de Covid-19. No entanto, há uma evolução positiva nos últimos dez anos, quer pelo contexto sociocultural mais integrador e aberto à inovação, quer pelo desenvolvimento de infraestruturas, sistemas de apoio diversificados e formação académica mais adequados ao desenvolvimento de atividades de inovação e investigação. Nos últimos 20 anos, e apesar da evolução muito positiva de vários indicadores relativos à inovação e investigação, Portugal ainda está abaixo quando comparado com os países mais dinâmicos da União Europeia e muito abaixo dos EUA e do Japão. Há que fazer um esforço con-

tinuado para um maior investimento na inovação e investigação, criar mecanismos mais ágeis e acessíveis, aproximar as entidades públicas e privadas, incentivar parcerias, fomentar fortemente a translação do conhecimento entre a academia e as empresas.

Continua a haver um desequilíbrio entre o investimento em investigação e inovação e os seus resultados ao nível de novos produtos e serviços. Este é talvez o ponto mais negativo que temos de solucionar e é fundamental, porque temos que criar um círculo virtuoso entre o investimento realizado em investigação e o valor acrescentado desse investimento. Só isso permitirá uma forte dinâmica de investimento capaz de gerar novos postos de trabalho em investigação, novos produtos de alto valor acrescentado, novos projetos, sem a crónica dependência do subsídio e apoio público. Há que ter massa crítica para que haja projetos com sucesso, que criem novos produtos e serviços.

Em Portugal, a área da saúde, especialmente a relacionada com a IF, tem sido particularmente dinâmica. No entanto, continua a haver uma margem elevada de desenvolvimento, quer nas atividades pré-clínicas, quer nos ensaios clínicos, uma vez que temos algumas condições de base reunidas, como sejam estruturas hospitalares, centros de investigação, investigadores e profissionais altamente qualificados e algumas entidades privadas com experiência e resultados obtidos. Se a pandemia tem criado em 2020-21 dificuldades, também tem demonstrado a importância da inovação para encontrar soluções e, certamente, sensibilizado muitas entidades, incluindo o poder político, para a necessidade de incentivar e apoiar a investigação. Acelerou a investigação em algumas áreas da saúde, nomeadamente nas vacinas, em que uma nova tecnologia investigada desde há mais de dez anos veio, em poucos meses, a ser aplicada. Os problemas são muitas vezes aceleradores da ciência e de novos produtos, como mais uma vez se demonstrou.

A experiência adquirida em 2020 na investigação de vacinas será seguramente uma fonte de reflexão para o futuro, nomeadamente para a necessidade de se encurtarem significativamente os prazos de

investigação de novos produtos, reforçar as parcerias público-privadas e internacionais e tornar mais eficientes os mecanismos de regulação da investigação e da aprovação dos novos medicamentos.

Com mais investimento conseguir-se-ão desenvolver mais rapidamente novas e disruptivas soluções, em que a terapêutica personalizada é uma das que apresenta maior potencial, e com isso melhorar os indicadores de saúde. Viver mais anos, sobretudo com melhor qualidade de vida, é um desafio em que o contributo da investigação farmacêutica é fundamental.



Sérgio Alves
Country President
da AstraZeneca Portugal.

Inovar é sempre um desafio, independentemente do ano ou do país em que estamos, uma vez que implica desafiar o que está estabelecido para fazer diferente. A inovação é a base do sucesso, sobretudo numa indústria como a farmacêutica, cuja atividade está assente no desenvolvimento científico. Mas a inovação não é, nem pode ser, apenas científica, ou seja, ao nível do desenvolvimento de novas terapêuticas. Há que inovar nos processos e procedimentos, no tipo de projetos que desenvolvemos, mas também na forma como interagimos com clientes e parceiros. E este último ano tem sido riquíssimo a este nível. A pandemia acelerou de uma forma brutal o desenvolvimento dos canais digitais e alterou profundamente a forma de contacto com os profissionais de saúde. No caso da AstraZeneca, o tipo de projetos desenvolvidos também tem sido alvo de grande inovação. Somos cada vez mais parceiros na geração de conhecimento sobre diversas patologias; exemplo disso são os vários estudos que temos a decorrer, em parceria com universidades e sociedades científicas, no sentido de conhecer a realidade portuguesa. Com foco e determinação das equipas

considero que é sempre possível inovar. A abordagem terapêutica personalizada, centrada nas necessidades do doente, é algo que se aprofundará nos próximos anos, quer porque sabemos cada vez mais sobre a fisiopatologia das doenças, e sobre os mecanismos dos medicamentos que desenvolvemos, mas também porque os clínicos conhecem cada vez melhor os seus doentes, as suas comorbilidades e fatores de risco e adequam a escolha das terapêuticas em função do doente e não da doença.

Paralelamente, a pandemia colocou na agenda o desafio de responder em tempo record à necessidade de desenvolver armas terapêuticas robustas de prevenção do contágio/infeção e de tratamento da doença e das suas consequências. Esta é uma área onde assistimos e assistiremos a grandes desenvolvimentos agora e no futuro.



Sara Barros
Country manager
da Lundbeck em Portugal

Atualmente, vivemos numa era permanentemente em evolução, seja a nível da inovação tecnológica, seja a nível da inovação na área da saúde. Estas alterações e melhorias têm feito parte do percurso da história da Lundbeck. Novos produtos com fórmulas inovadoras, mais eficazes e seguros e que apostam, sobretudo, no aumento da esperança média de vida aliada à melhoria da qualidade de vida dos doentes, têm sido o foco da Lundbeck que tem permitido a evolução da nossa organização, desenvolvendo e comercializando algumas das terapêuticas mais prescritas no mundo para doenças mentais e do cérebro.

A facilidade de a sociedade se ajustar a novas mudanças também se alterou de uma forma positiva, tendo a pandemia contribuído em larga escala para confirmar este processo de adaptação. É in-

crível ver como em todos os setores está presente a evolução e que a saúde não é exceção.

Portugal é, sem dúvida, um país onde é possível ser-se inovador e onde se têm registado grandes progressos ao longo dos últimos anos. Esta é uma aposta que deve continuar e que as empresas devem ter sempre em mente. Apesar de já ter existido uma grande evolução, é importante lembrar que o caminho é longo e que ainda há muito a fazer, em especial numa área como a saúde.

O foco nas terapêuticas personalizadas e adaptadas a cada doente tem sido uma aposta que cada vez mais é perseguida pela comunidade científica. A busca por novas soluções que contribuam para tratar um doente, com a menor toxicidade possível e com uma eficácia superior, é dúvida, a tendência que vai acompanhar a inovação na indústria farmacêutica.

Na Lundbeck somos especializados em doenças psiquiátricas e neurológicas e há mais de 70 anos que nos temos posicionado na linha da frente da investigação em neurociências e dedicamos os nossos esforços a restaurar a saúde mental. A área da saúde mental tem um grande potencial de desenvolvimento, especialmente no que toca à investigação de fármacos que permitam que os doentes não só tenham a sua doença controlada, mas também uma vida plena e cheia de possibilidades, igual a tantas outras pessoas.

O cérebro é o órgão mais complexo do nosso corpo, o que torna as doenças mentais e do cérebro uma das áreas onde é mais difícil inovar. No entanto, com um enorme sentido de missão continuamos a investigar e desenvolver novas soluções terapêuticas, que sejam mais eficazes e que, ao mesmo tempo, minimizem os efeitos adversos e que sejam de mais fácil administração, para doentes com perturbações mentais e do cérebro, promovendo uma melhor adesão do doente à terapêutica e a redução de recaídas.



Pedro Moura
Diretor-Geral
da Merck Portugal

A curiosidade é o que na Merck nos motiva, nos impulsiona, nos faz questionar e nos tem levado a avanços da ciência. No fundo, a curiosidade leva à inovação. Acreditamos ser esta a receita para aumentar a inovação e acredito que, em Portugal, não faltam mentes curiosas. Somos um país de investigadores, de inventores, de criadores, o que não significa, no entanto, que seja fácil ser-se inovador. Para concretizar a inovação é preciso condições, consubstanciadas em meios que permitam que os investigadores levem mais longe a sua curiosidade. E menos burocracia e tecnocracia que nada acrescenta a não ser tempo à execução. E é isso que por vezes falta e que a Merck está apostada em fomentar nomeadamente com as parcerias que desenvolvemos ao nível da investigação com o Instituto Gulbenkian de Ciência ou com o laboratório satélite que temos no iBET.

As notícias que dão conta que Portugal integrou, pela primeira vez em 2020, o grupo dos inovadores fortes (12º lugar) entre os países mais inovadores da União Europeia, segundo a classificação do European Innovation Scoreboard, são muito animadoras e confirmam que estamos no bom caminho para colocar o nosso país na linha da frente da inovação.

O futuro é cada vez mais presente, um futuro que, em termos de I&D, nos traz grandes desafios, alguns mais difíceis do que outros de ultrapassar. No que diz respeito à investigação de novos medicamentos, temos de conseguir ir além da forma tradicional como muitas doenças são tratadas, para revolucionar esses mesmos tratamentos. E isso passa, por exemplo, por olhar para as pequenas moléculas, que têm renovado a esperança de tratamento para muitos tipos de cancro, para que a próxima geração de terapêuticas

possa continuar a beneficiar os doentes de forma cada vez mais individualizada. E, aqui, a digitalização tem um papel fundamental. As tecnologias digitais têm o potencial de mudar a I&D ao nível da saúde, encurtando o caminho que separa os novos medicamentos dos doentes. Tecnologias como a IA [inteligência artificial] e o acesso a grandes conjuntos de dados biomédicos e clínicos estão já a tornar a descoberta de terapêuticas mais rápida e mais acessível. Mais ainda, a IA permite extrair informações de enormes conjuntos de dados, ajudando, por exemplo, a prever as propriedades de um potencial composto, acelerando o que poderia levar muitos anos.

Tudo isto, claro, sem esquecer a colaboração, que é uma tendência cada vez mais confirmada. Vimos isso mesmo com as vacinas contra a covid-19, cujo desenvolvimento teve por base uma colaboração que permitiu tornar mais rápidas as descobertas. Uma partilha de conhecimento e dados que é ainda cada vez mais importante para aproveitarmos ao máximo tecnologias como a IA.



Francisco del Val
Diretor Geral Sanofi Portugal

2021 tem um grande potencial para ser um ano para inovar em Portugal e no mundo, por todo o contexto que vivemos e nos fez sair da nossa “normalidade” para enfrentar novos desafios a todos os níveis, de saúde, sociais e económicos. Entidades públicas e privadas, com a pandemia, tiveram de repensar o seu modo de atuação e a forma de trabalhar e de apostar em novas formas de estarem no mercado e de promoverem os seus produtos e soluções. Há também uma abertura por parte das pessoas para acolherem essa mesma inovação proposta pelos vários sectores.

Foi incrível a rapidez com que as pessoas e as empresas se adaptaram a uma situação

inesperada e que a todos nos veio colocar à prova. Por exemplo, houve uma explosão da digitalização em todas as áreas. A digitalização da saúde foi acelerada com a teleconsulta e a agilização mais célere de processos que deixaram de ser presenciais. E esta é apenas uma pequena parte do que aconteceu. Portanto, Portugal é, sem dúvida, um país facilitador da inovação, incentivando cada vez mais novos projetos e novas soluções nesta área. E a saúde é, sem dúvida, um setor prioritário, não esquecendo nunca o lado humanizador dos cuidados prestados aos cidadãos. Sobre I&D, a Sanofi tem um plano de investimento ambicioso em investigação clínica, tendo vindo a redesenhar o seu portefólio de I&D para se dedicar ao desenvolvimento de produtos First in Class ou Best in Class. A Unidade de Ensaio Clínicos da Ibéria conta investir mais de 8,5 milhões de euros nos próximos anos em ensaios já aprovados para serem conduzidos no nosso país. Atualmente, a Sanofi tem mais de 30 ensaios clínicos (fase I a IV) a decorrer em Portugal, em mais de 100 centros de investigação distribuídos por diversos hospitais a nível nacional. A Sanofi está na linha da frente na Investigação Clínica, tendo aumentado de forma significativa a sua atividade nos últimos anos, estando a conduzir ensaios clínicos nas mais diversas áreas da Oncologia, Neurologia, Imuno-Alergologia, Dermatologia, Pneumologia, Otorrinolaringologia, Nefrologia e Doenças Raras, proporcionando aos doentes portugueses o acesso a terapêuticas completamente inovadoras.

Estratégias/medidas adotadas e a implementar pelas empresas do setor no sentido de se reinventarem e fazerem face aos desafios da era pós-covid

A era pós-covid não será totalmente um mundo novo, mas será um tempo de cooperação e de inovação absolutamente incrível entre as instituições. Parecerias será a palavra a ter em conta. O futuro só pode ser animador e as empresas estão num nível de transformação da sua forma de trabalhar e de abordar o mercado completamente renovada.

A pandemia, apesar de muito negativa, também criou um conjunto de oportunidades incentivando e acelerando a mu-

dança. Estamos a assistir a novas formas de trabalhar, de fazer medicina, de cuidar e de contactar.

Temos agora de nos centrar nos doentes e na mitigação das consequências, respondendo às necessidades imediatas de diagnóstico e tratamento. É fundamental pensarmos em novas formas de gestão, sendo a eficiência e a sustentabilidade a meta a atingir nos cuidados de saúde, entregando valor aos doentes e apostando na sua qualidade de vida a longo prazo.

A humanização dos cuidados não deve ser subvalorizada em relação a qualquer tipo de inovação, estas duas vertentes devem estar em estreita harmonia trabalhando com uma saúde mais acessível e equitativa.



Filipe Novais
Diretor Geral da Astellas Farma, Lda.

Portugal tem vindo a crescer como país inovador. Pela primeira vez, em 2020, Portugal foi considerado um país fortemente inovador, segundo o European Innovation Scoreboard. O nosso país subiu de Inovador Moderado para Inovador Forte, em 12º entre os países mais inovadores da União Europeia. O ambiente favorável à inovação e os sistemas de investigação atrativos foram os fatores principais. O aumento do número de patentes é uma das evidências. O aumento do nível de escolaridade, licenciaturas, mestrados, doutoramentos permite que o ecossistema da inovação floresça. O aumento do financiamento da inovação por parte dos privados e do público é fundamental e traz sempre retorno a médio prazo. Vamos entrar numa conjuntura muito especial. As diversas economias sofreram um grande impacto com a pandemia, mas vamos agora entrar numa década que se espera que seja de forte crescimento.

Os fundos europeus vão ser canalizados para a economia portuguesa. O uso que deles vamos fazer vai determinar o cres-

FÓRUM

cimento da economia e do nível de vida dos portugueses. É absolutamente fundamental que estas verbas de dimensão inédita, sejam investidas nas áreas mais inovadoras da economia e da investigação e desenvolvimento. Que aumente o investimento no conhecimento, na formação dos jovens, na requalificação e capacitação em novas competências de quem já está no mercado de trabalho.

Portugal é um país inovador, com uma maior canalização dos investimentos do esforço coletivo é possível aproveitar esta década, que agora começa, para subir de patamar, para proporcionarmos um avanço que vai refletir-se na qualidade de vida.

A Indústria Farmacêutica tem a grande responsabilidade de investir recursos na I&D [investigação e desenvolvimento], com vista a continuar a apoiar o progresso e a dar resposta às necessidades na área da saúde, proporcionando uma melhoria dos cuidados e um consequente aumento da longevidade e qualidade de vida dos doentes. O desenvolvimento de novas terapêuticas reafirma a resposta da ciência perante as reais necessidades da população mundial.

Na Astellas, a investigação e desenvolvimento está no centro de tudo o que fazemos. Não só orienta a nossa atuação, como impulsiona a nossa atividade futura, permitindo desenvolver terapêuticas inovadoras que irão ajudar milhões de pessoas em todo o mundo reiterando a sua missão: “Na vanguarda dos cuidados de saúde, a transformar ciência inovadora em valor para os doentes”.

Com vista ao progresso e à inovação, a Astellas tem vindo a afirmar-se na área de I&D, sendo hoje a empresa mais ativa no desenvolvimento de fármacos em fase pré-clínica.

A Astellas conta com parceiros para o desenvolvimento contínuo da investigação, tendo como um dos principais focos estratégicos a área de terapia genética, continuando a investir no progresso científico.

Diretório



Sérgio Alves
Country President



Rosário Trindade
Corporate Affairs
& Market Access Director



Matilde Coruche
Human Resources
& Communication Director



Bruno Fernandez
Chief Financial Officer



Micaela Martelli
Cardiovascular, Renal &
Metabolic Business Unit
Director



Diana Malhado
Oncology Business
Unit Director



Sílvia Cruz
Respiratory & Immunology
Business Unit Director



Maria João Maia
Legal Director



Carlos Frederico Carvalho
Innovation & Business
Excellence Director



AstraZeneca, uma companhia guiada pela ciência

A AstraZeneca é uma biofarmacêutica global orientada para a ciência. Presente em mais de 100 países, com mais de 76 mil colaboradores, a AstraZeneca pretende desenvolver e disponibilizar aos doentes as terapêuticas mais inovadoras em três grandes áreas: Cardiovascular, Renal e Metabólica; Respiratória e Imunológica e Oncologia.

Em Portugal, a companhia conta com 210 colaboradores que, todos os dias, inovam para fazer a diferença na vida dos doentes. A atividade da AstraZeneca vai muito além da promoção dos seus produtos. Com as equipas focadas naquilo que são as necessidades dos doentes portugueses, são desenvolvidas parcerias com sociedades científicas, universidades, centros de investigação, ordens profissionais e associações de doentes no sentido de

potenciar não apenas a partilha de conhecimento entre especialistas, como criar evidência local para algumas patologias cujos dados são escassos ou carecem de atualização, assim como apoiar campanhas de sensibilização da população em diversas doenças.

A SUSTENTABILIDADE FAZ PARTE DO ADN DA ASTRAZENECA

Com a sustentabilidade no seu ADN, a AstraZeneca identificou três grandes pilares que considera serem fundamentais, visto que a saúde das pessoas, do planeta e do negócio estão interligadas. São eles a proteção ambiental, o acesso aos cuidados de saúde e a ética e transparência. Na esfera ambiental, e apesar do período pandémico, a AstraZeneca passou de Carbon Neutral (em 2020) a Climate Positive

www.astrazeneca.pt



(em 2021), uma distinção atribuída pela Quercus e que demonstra claramente os esforços que têm sido feitos para proteger o planeta. Além de todos os projetos implementados para reduzir a pegada ambiental, nos últimos anos a AstraZeneca Portugal tem apostado na plantação de árvores, 5000 em cada ano, com o intuito de compensar as emissões de dióxido de carbono da sua frota. E os projetos para reduzir a pegada ambiental da companhia continuam... estão em curso obras no edifício que o irão tornar ainda mais sustentável e, até 2025, a companhia terá uma frota composta apenas por veículos elétricos.

Ao nível da ética e transparência, a companhia tem apostado fortemente na segurança e bem-estar dos colaboradores, assim como na promoção da inclusão e diversidade. Os esforços feitos para potenciar a cultura de speak-up, em que cada um pode partilhar a sua opinião e dar as suas ideias, têm sido consideráveis; assim como o desenvolvimento dos colaboradores, através de oportunidades internas e da disponibilização de formação nas mais variadas áreas; também o

reconhecimento do mérito das equipas é considerado fundamental. No âmbito da segurança e saúde dos colaboradores, nomeadamente durante a pandemia, foram disponibilizadas sessões coletivas com personal trainer, nutricionista e psicóloga, também estas individuais, e realizadas atividades virtuais entre equipas, tendo em vista a redução das distâncias físicas e a promoção do espírito de equipa.

Em 2021 a AstraZeneca foi reconhecida, pelo segundo ano consecutivo, como Top Employer em Portugal, uma distinção já alcançada pela empresa na Europa. Esta distinção é atribuída às empresas com as melhores práticas de Recursos Humanos. Paralelamente, e de acordo com as pesquisas internas realizadas semestralmente, mais de 90% dos colaboradores da AstraZeneca Portugal referem recomendar a companhia como um excelente local para trabalhar.

No apoio à comunidade onde se insere, a empresa tem desenvolvido diversas campanhas internas – que englobam ações de voluntariado – usando os colaboradores dias laborais para apoiar instituições –,

recolha de donativos dos colaboradores assim como doações da própria empresa. Na melhoria do acesso aos cuidados de saúde, a AstraZeneca tem implementado vários projetos, nomeadamente na oncologia, que pretendem agilizar o circuito do doente com o objetivo de promover o diagnóstico precoce e acelerar o início do tratamento. Tudo isto porque quanto mais cedo for detetado o tumor melhor será o prognóstico e maiores serão os ganhos em saúde. Aqui também são de salientar as várias campanhas de disease awareness que contam com o apoio da AstraZeneca.

2020 UM ANO DE MUDANÇA

O último ano foi de grande transformação e na AstraZeneca Portugal podemos dizer que a evolução foi brutal. Em semanas a companhia migrou para o digital, tendo implementado os planos a médio prazo e passado a apostar numa estratégia omnichannel, em que o contacto com o cliente é feito de forma diferenciada e segundo a sua preferência. O investimento nas redes sociais e na plataforma saúdeflex.pt marcam o ano de 2020. O trabalho remoto foi uma realidade no imediato, sem hesitações ou quaisquer dificuldades do ponto de vista técnico, tudo graças ao conhecimento digital que a companhia já detinha.

Do ponto de vista científico, a AstraZeneca, com um dos pipelines mais robustos da indústria farmacêutica, comprometeu-se a desenvolver, em parceria com a Universidade de Oxford, uma vacina contra COVID-19, e, em pouco mais de um ano, o contributo da companhia para a pandemia é assinalável, estando já milhões de pessoas vacinadas em todo o mundo. E, durante o período pandémico, a distribuição da vacina é feita sem lucros! Além disso, a AstraZeneca comprometeu-se a fazer uma distribuição equitativa da vacina, de modo a chegar aos países em desenvolvimento. Neste âmbito, dos 38 milhões de vacinas da COVAX, 37 milhões são da AstraZeneca. Factos que nos orgulham e que demonstram que a companhia vive intensamente os seus valores: colocamos o doente em primeiro lugar, seguimos a ciência e fazemos o que está certo.

MERCK



Pedro Moura
Managing Director, Merck Portugal



Traduzir ciência e tecnologia por inovação que muda vidas

Os desafios na área da saúde são uma constante. Desafios que se traduzem em novas doenças, constrangimentos sociais ou económicos ou mudanças nos estilos de vida. Quando a única constante é a mudança, a resposta tem de ser disruptiva, capaz de desafiar essa mudança e traduzi-la em inovação ao serviço da saúde e bem-estar das pessoas.

Na Merck, a busca por inovação é uma constante, alimentada pela curiosidade que leva a que se questione de forma constante, a que se invista continuamente na investigação e desenvolvimento de novas terapêuticas e tratamentos capazes não só de melhorar a qualidade de vida das pessoas, mas também de as mudar.

UMA PAIXÃO PELO DESAFIO DE MUDAR VIDAS. UMA CURIOSIDADE CONSTANTE.

Colocamos a ciência no centro de tudo o que fazemos. E diariamente somos movidos pela curiosidade, que nos impele em busca do progresso e nos leva a querer contribuir diariamente de alguma forma para mudar a vida de milhões de pessoas. E tem sido assim, todos os dias, desde o primeiro momento, há mais de 350 anos e em todo o mundo, mantendo a ligação original ao continuarmos a ser geridos

por descendentes de Friedrich Jacob Merck, o homem que fundou a nossa empresa em Darmstadt, na Alemanha, em 1668.

Desde então, tornámo-nos verdadeiramente globais, com cerca de 58,000 colaboradores espalhados por 66 países, que trabalham diariamente em soluções e tecnologias completamente inovadoras. Em 2020, investimos € 2.3 mil milhões em investigação e desenvolvimento para levar mais longe a curiosidade.

Em Portugal, a Merck destaca-se como uma empresa vibrante de ciência e tecnologia, que aposta numa equipa interdisciplinar para ultrapassar os desafios colocados pela ciência, sem nunca esquecer o trabalho em colaboração com vários parceiros.

HEALTHCARE

Na área de Healthcare, a atenção centra-se em criar, melhorar e prolongar vidas, tendo como ponto de partida e chegada uma visão holística sobre a investigação e desenvolvimento de medicamentos, bem como dispositivos inteligentes, cujo foco é tratar e cuidar de pessoas com diferentes problemas de saúde.

Por cá, a Merck apresenta-se com presença reforçada na área de Biopharma, com destaque para a Cardiologia, Medicina Interna, Endocrinologia e Medicina Geral

merckgroup.com/pt-pt

e Familiar e Neurologia, áreas nas quais a aposta tem sido maior, traduzida num crescimento, ano após ano, de forma sustentada. O nosso compromisso é impulsionar o progresso humano e, por isso, a visão de médio e longo prazo continua a integrar o ADN da Merck. Resultado de um enorme foco e forte investimento em investigação, temos um número muito significativo de lançamentos a cada ano, de fármacos inovadores, tanto a nível de ação terapêutica como, em alguns casos, de comodidade e facilidade de administração. Também a área da Fertilidade tem tido um contributo muito importante. A nível mundial, são já 3 milhões os habitantes que são bebés Merck, que nasceram com recurso às soluções de tratamento de infertilidade desenvolvidas pela companhia. Temos um propósito constantemente presente nos nossos objetivos: queremos ajudar a criar vidas, através de tratamentos e tecnologias para combater a infertilidade. Queremos ajudar a concretizar o sonho de ter um filho.

LIFE SCIENCE

Em Life Science, a cooperação com as

principais comunidades científicas é a principal aposta, que se traduz no fornecimento de ferramentas laboratoriais que permitem aos investigadores concretizar descobertas revolucionárias. É uma área de atividade que trabalha para resolver alguns dos maiores desafios da ciência.

O conhecimento e a informação são pilares fundamentais para o progresso. Agregar os diferentes interlocutores – stakeholders, entidades oficiais, sociedades científicas, associações de doentes e público em geral – em iniciativas que visam, acima de tudo, informar e esclarecer sobre doenças, diagnóstico, opções terapêuticas e as formas de alcançar uma melhor qualidade de vida são o principal objetivo das ações que criamos, lançamos, apoiamos e divulgamos.

CRESCIMENTO DE OLHOS POSTOS O FUTURO

A Merck tem tido um crescimento sustentado e contínuo ao longo dos últimos anos e a perspetiva é a de continuar com esta tendência. A expansão faz-se na área da saúde e fora desta, através do investimento em Electronics, uma área dedicada

à próxima geração de matérias de alta tecnologia e químicos especializados para aplicações em materiais. As aplicações destes produtos são transversais às indústrias Automóvel, Cosmética, Optoeletrónica, semicondutores, de Arquitetura, entre muitas outras.

A missão da Merck é clara, a de garantir o acesso geral a medicamentos que possam ajudar a criar, melhorar e prolongar a vida das pessoas e é por isso que continua a apostar na expansão das áreas de negócio e a disponibilizar tratamentos inovadores de elevada qualidade, procurando sempre ser a melhor nas áreas onde atua. A sua estratégia passa também por dar continuidade às diversas parcerias e colaborações com parceiros externos que ajudem a responder a problemas de saúde proeminentes da sociedade. Em conjunto, lutar contra o cancro e outras doenças, estudar a resposta do sistema imunitário a doenças específicas e apostar no desenvolvimento de tratamentos personalizados.

Com mais de 350 anos de existência, a Merck é a empresa farmacêutica e química mais antiga do mundo.

PUB



**SEMPRE
CURIOSOS**

A Curiosidade está no nosso ADN.
Inspira-nos a fazer perguntas que nunca tinham sido feitas antes.
Ao olharmos para o futuro, podemos apenas imaginar até onde podemos chegar.

Curioso?

Descubra mais em:
merckgroup.com/pt-pt

MERCK



Salvat: Inovação, Internacionalização e Criação de Emprego

EQUIPA

- » **Alberto Bueno**
Diretor Geral
- » **Enrique Jiménez**
Diretor Médico
- » **Isabel Delgado**
Diretora de I&D
- » **Jörg Behrendt**
Diretor Comercial Portugal e Espanha
- » **Diego Aparício**
Diretor de Operações Industriais
- » **Imma Cervera**
Diretora Técnica
- » **Patricia Ferriot**
Diretora Internacional
- » **Alejandro Ripol**
Diretor Financeiro e de RH
- » **Albino Lopes Avelas**
Chefe de Vendas em Portugal



<https://svt.com>

Os Laboratórios Salvat são uma companhia farmacêutica independente de capital privado, propriedade da família Peris e sediada em Barcelona. Desde a sua fundação, em 1955, que a Salvat trabalha para melhorar a qualidade de vida das pessoas através da inovação e do desenvolvimento de medicamentos e produtos de saúde de valor acrescentado. Atualmente, comercializa os seus fármacos em mais de 60 países do mundo e mantém processos de registo noutros 30.

A Salvat conta com uma estrutura comercial própria em Portugal e Espanha, e com parceiros comerciais noutros países do mundo. Em Portugal, iniciou a sua atividade em 2016 e, desde então, mantém a intenção de continuar a crescer, tanto em portfólio como em estrutura, e de disponibilizar as melhores soluções aos doentes, com produtos de qualidade e garantia de custo-efetividade. A empresa tem em curso vários ensaios clínicos, que incluem hospitais e doentes portugueses.

Com o propósito de reforçar a produção de líquidos estéreis para todos os países em que está presente, a Salvat investiu, no início de 2021, 65 milhões de euros na Pharmalooop, a sua mais recente unidade de produtos estéreis em Alcalá de Henares, Madrid. Esta unidade, com cerca de 9.000 m², e que responde a elevados padrões de qualidade, está dotada de tecnologia de ponta e capacidade para produzir mais de 350 milhões de unidades de formulações estéreis por ano. Este é o primeiro centro de produção de medicamentos totalmente autónomo em Espanha, e vanguardista na Península Ibérica, com uma unidade de cogeração de energia, altamente sustentável, que converte gás em energia elétrica. Além do laboratório, conta com ainda com uma zona de fabrico, um armazém automatizado e área de packaging.

Movida pela ambição de internacionalização, em 2006, a Salvat dá início à sua operação nos EUA, com a criação da Salvat USA, sediada em Miami, Flórida, e a partir da qual gere a sua expansão internacional. A crescente capacidade de

produção da Salvat inclui uma linha de produção de líquidos estéreis (Blow-Fill-Seal) nos EUA, para dar resposta às necessidades do mercado americano.

MAIS DE 60 ANOS DEDICADOS À INOVAÇÃO

Com mais de seis décadas de história, podemos afirmar que a inovação é o motor de todo o nosso negócio. Através de projetos próprios de investimento em I&D ou da colaboração com grupos públicos e privados, desenvolvemos investigação centrada em três áreas terapêuticas fundamentais: Otorrinolaringologia, Oftalmologia e Gastreenterologia. Nos mercados de Portugal e Espanha, é sobretudo nestas áreas que a Salvat tem registado um crescimento mais sustentado, e com franca expansão da área de Consumer Health, com destaque para as marcas Audiovit, Megalevure e Urosens. Entre 2020 e 2021, lançámos em Portugal seis novos produtos nas áreas de Otorrinolaringologia, Gastreenterologia e Urologia.

Colocamos também a nossa I&D ao serviço de outras empresas interessadas no potencial da nossa tecnologia patenteada e na experiência e competência da nossa equipa. Disponibilizamos serviços de desenvolvimento de produtos, dentro e fora das nossas principais áreas terapêuticas.

CRIAÇÃO DE EMPREGO

Enquanto empresa, centramos o nosso interesse no crescimento orgânico, com uma visão a longo prazo e o propósito de criar inovação e emprego. Enquanto família, gerimos a empresa mantendo a ética no centro de todas as nossas decisões. Assim, o investimento da Salvat em Portugal responde também à intenção de criar novos postos de trabalho. Atualmente com mais de 400 colaboradores em Espanha, três unidades de fabrico em Barcelona, Madrid e Miami, dois produtos comercializados nos EUA e uma vasta presença internacional, vislumbramos um futuro promissor para a Salvat.



Alberto Bueno
Diretor Geral



CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

- » **António Horta Osório**
Chairman
- » **António Portela**
CEO
- » **Richard Pilnik**
Membro não executivo
- » **Isabel Morgado**
Área de Novos Projetos
- » **José Redondo**
Área Financeira e Industrial
- » **Miguel Portela**
Área Corporate
- » **Patrício Soares da Silva**
Área de Investigação e Desenvolvimento
- » **José Almeida Bastos**
Área de Operações Comerciais



BIAL – Inovação e Internacionalização

Fundada em 1924, a BIAL é hoje uma farmacêutica internacional de inovação, constituindo o maior grupo farmacêutico português.

Com a missão de encontrar, desenvolver e fornecer novas soluções terapêuticas, nas últimas décadas as linhas estratégicas da empresa estiveram centradas na Qualidade, na Inovação e na Internacionalização. Focalizada na Investigação & Desenvolvimento (I&D) de novos medicamentos, a BIAL é a única farmacêutica portuguesa com produtos de investigação própria no mercado: um medicamento para a epilepsia, disponível na Europa e nos EUA, e um antiparkinsoniano, também comercializado em vários países europeus, EUA, Japão e Coreia do Sul.

Atualmente, a empresa conta com uma equipa de mais de 1000 pessoas, em que 83% tem formação universitária e 10% são doutorados, que diariamente trabalha para levar aos doentes as melhores terapêuticas. Com mais de 15.000 novas moléculas sintetizadas, a BIAL aloca, em média, mais de 20% da sua faturação anual à I&D, centrada nas neurociências e doenças cardiovasculares. Nesta área estão 170 pessoas, 69 doutorados, de 20 nacionalidades diferentes. Esta equipa colabora com investigadores e cientistas de universidades, indústria e centros de investigação para conseguir entregar medicamentos inova-

dores a todos os profissionais de saúde, pacientes e suas famílias.

Paralelamente, o grupo tem vindo a reforçar a sua presença internacional e tem atualmente filiais em 10 países, incluindo EUA, Espanha, Alemanha, Reino Unido e Itália. Nos territórios onde a empresa não tem presença direta colabora com parceiros comerciais, possibilitando que os seus medicamentos cheguem a mais de 55 países.

Em 2020, a BIAL constituiu uma filial nos Estados Unidos da América, a BIAL Biotech Investments Inc, um centro de excelência focado no desenvolvimento de terapias para mutações genéticas associadas à doença de Parkinson, em Cambridge, Boston.

As vendas nos mercados internacionais representam cerca de 80% do volume de negócios da empresa, que em 2020 ultrapassou os 340 milhões de euros, sendo Espanha e EUA os seus principais mercados. Em Portugal, a BIAL tem um portfólio de medicamentos diversificado que abrange as áreas cardiometabólica, sistema nervoso central, respiratória, músculo-esquelética, saúde da mulher e maternidade.

A caminho do centenário, BIAL mantém como grande objetivo ser uma companhia farmacêutica de inovação com presença global com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas com novas soluções terapêuticas.

www.bial.com



Grünenthal: Melhorar a vida das pessoas com dor crónica

COMITÉ DE DIREÇÃO



Ana Martins
Diretora Geral da
Grünenthal Portugal



Ana Machado
Head of Marketing &
Market Data Insights



Elisabete Godinho
Event Manager &
Local Buyer | Office
Management



Flôrência Bravo
Head of SCM
Portugal



Francisco Granados
Head of HR Portugal



José Roriz
Head of Sales



Miguel Sobral
Head of Finance &
Controlling



Rita Tinoco
Head of Medical
Affairs & Market
Access | Local
Compliance Liaison



Rute Osório
Head Regulatory
Compliance and
Excellence

www.grunenthal.pt/

A Grünenthal, S.A. é uma filial da Grünenthal GmbH, com presença em Portugal desde 1990, que se dedica à comercialização de produtos farmacêuticos. Atualmente, a Grünenthal é líder em medicamentos para o tratamento da dor moderada a intensa em Portugal. A nossa missão é mudar vidas para melhor. Acreditamos que essa mudança é possível.

Enquanto líder global na investigação e no desenvolvimento na área da dor, investimos fortemente em inovação, explorando novas possibilidades para desenvolver soluções inteligentes. O sucesso consegue-se através de tratamentos pioneiros que transformam a vida dos doentes para melhor. Somos uma empresa ambiciosa e dinâmica com uma linha de produtos orientada para a inovação, que nos permite crescer a partir das nossas competências centradas na dor.

Com sede em Aachen, na Alemanha, a Grünenthal está hoje presente em cerca de 29 países, com filiais na Europa, América Latina e nos Estados Unidos. Os nossos produtos são vendidos em mais de 100 países e contamos com cerca de 4.500 colaboradores em todo o mundo. Em Portugal, a Grünenthal conta com uma equipa experiente, composta por 46 colaboradores. Em 2020, foi reconhecida como uma das Melhores Empresas Para Trabalhar em Portugal e recebeu a certificação Great Place to Work®, que distingue a qualidade do ambiente de trabalho proporcionada aos colaboradores pela empresa. Estas distinções são reflexo da paixão, do respeito e do compromisso da nossa equipa com a missão de melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem com dor crónica.

CONHECER A PREVALÊNCIA DA DOR CRÓNICA

Empenhada em aumentar o conhecimento sobre a realidade nacional da dor crónica e, assim, contribuir para a melhoria dos cuidados de saúde, a Grünenthal promoveu o estudo “Chronic Pain Care - Prevalência e Caracterização da Dor Crónica nos Cuidados de Saúde Primários” (Antunes F., et al., 2019), um estudo pioneiro levado a cabo por profissionais de saúde em contexto de consulta nas USF's. Os dados revelados pelo estudo são preocupantes e tornam evidentes a urgência de encarar a avaliação, diagnóstico e tratamento da dor crónica como uma prioridade. De dois em dois anos, a Grünenthal organiza uma das maiores reuniões sobre a temática da Dor em Portugal, o Fórum Futuro, uma iniciativa para debater o estado da arte da dor em Portugal e que reúne mais de 200 profissionais de saúde e especialistas. Outro dos nossos projetos de referência é a plataforma digital dor.com.pt, um website com conteúdos diferenciados e relevantes para doentes e profissionais de saúde sobre dor e os seus diferentes tipos, conselhos práticos e ferramentas de apoio ao diagnóstico e controlo da dor.

A NOSSA ESTRATÉGIA NA ABORDAGEM DA DOR CENTRA-SE EM QUATRO ÁREAS-CHAVE:

- » Dor neuropática periférica
- » Dor pós-cirúrgica crónica
- » Dor lombar crónica
- » Osteoartrite

Somos Janssen. Queremos criar um futuro em que a doença seja algo do passado

COMITÉ EXECUTIVO



Filipa Mota e Costa
Diretora Geral



Manuel Salavessa
Diretor Médico
e Regulamentar



Branca Barata
Diretora de Market
Access



Patrícia Gouveia
Diretora Comercial



Nuno Cunha
Diretor de Customer
Strategy



Sofia Brito
Diretora de Recursos
Humanos



Pedro Santos
Diretor de IT



Paulo Sá
Diretor Financeiro



Maria Faria
Diretora de Corporate Affairs

ÁREAS TERAPÉUTICAS

- » Imunologia
- » Infeciologia
- » Neurociências
- » Oncologia
- » Hipertensão Arterial Pulmonar

www.janssen.com/portugal

Na Janssen, companhia farmacêutica do grupo Johnson & Johnson, o maior grupo de cuidados de saúde do mundo, temos a ambição de criar um futuro em que a doença se torne algo do passado. Essa aspiração verificou-se uma vez mais durante esta pandemia.

Com um dos mais inovadores e diversificados pipelines do setor, a nossa capacidade em desenvolver e disponibilizar soluções terapêuticas é amplamente reconhecida a nível global, e reflete-se num legado de que nos orgulhamos.

E foi com base na experiência e conhecimento científico acumulados que conseguimos desenvolver a vacina contra a COVID-19 em tempo recorde.

Quando, em janeiro de 2020 foi disponibilizada a sequenciação genética do novo coronavírus entrámos numa corrida contra o tempo: em março de 2020 anunciámos uma forte vacina candidata, em abril começámos a preparar a sua produção à escala global, assumindo o risco e, em fevereiro e março de 2021, obtivemos as autorizações pelas autoridades Norte-Americanas e Europeias, respetivamente.

Tratou-se de um forte investimento de recursos humanos, científicos, logísticos e financeiros, sem nunca comprometer a investigação, desenvolvimento e disponibilização de outras soluções terapêuticas para outras doenças que continuaram a existir. Persistimos no nosso contributo para combater alguns dos maiores desafios da humanidade, tais como a Tuberculose Multirresistente ou o Ébola, com a doação de 500 mil doses de vacina para o controlo do surto na República Democrática do Congo e o início recente da vacinação na Serra Leoa.

Se no VIH contribuímos com sucesso para uma tornar esta doença mortal numa condição crónica, mantemos a ambição de encontrar uma cura e alcançar, também nesta patologia, a sua prevenção com uma vacina.

Na Saúde Mental, ajudámos a tornar realidade e continuamos a contribuir para a

desinstitucionalização de muitos doentes psiquiátricos, permitindo-lhes a estabilidade necessária para a tão desejada integração social. E vamos ainda continuar a investir nesta área, procurando novas respostas para os doentes com depressão grave.

E em áreas tão desafiantes como a Oncologia, a Imunologia ou a Hipertensão Arterial Pulmonar, os ganhos em anos de sobrevivência com qualidade de vida são conquistas que muito nos orgulham, com os nossos medicamentos a fazerem a diferença na vida de milhares de pessoas todos os dias.

Focados em seis áreas terapêuticas - Oncologia, Neurociências, Imunologia, Doenças Cardiovasculares e Metabólicas, Hipertensão Pulmonar e Infeciologia - investimos anualmente em Investigação e Desenvolvimento mais 86% do que em vendas e marketing, o que reflete bem o papel da ciência e da inovação na nossa matriz e identidade. Entre 2016 e 2020 investimos 42,2 mil milhões de dólares no desenvolvimento de novos medicamentos e vacinas para responder a necessidades médicas não satisfeitas. Nos últimos cinco anos, reforçámos, em média, por ano, o nosso investimento em Investigação em mais 8,1%, o que se traduz numa posição cimeira e consistente ao longo dos anos no Pharmaceutical Innovation Index a nível mundial. Trabalhamos com todos, das autoridades locais ao mundo académico, numa intensa colaboração aberta à procura de novas soluções para trazer qualidade de vida aos doentes.

Desde 2018, que Portugal voltou a integrar a lista de países prioritários para a I&D da Janssen, numa conquista que muito nos orgulha e que esperamos venha a beneficiar cada vez mais doentes num acesso precoce a muitas terapêuticas inovadoras. Sabemos que o mundo está em rápida transformação e enquanto companhia farmacêutica líder sabemos que lhe podemos responder. Estamos a trabalhar para que Portugal seja parte cada vez mais ativa nesta resposta, hoje e no futuro.



Para a Lundbeck não há saúde sem Saúde Mental



Sara Barros
Country Manager



José Custódio
Marketing Manager



Maria Emília Resende
National Sales Manager

A Lundbeck é uma companhia farmacêutica global empenhada em melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem com doenças psiquiátricas e neurológicas. Este é o nosso compromisso e há mais de 100 anos que nos dedicamos à investigação, desenvolvimento, produção, promoção e comercialização de medicamentos direcionados para doenças como a depressão, a ansiedade, a esquizofrenia, Doença de Alzheimer e Parkinson, entre outras. Graças ao enorme investimento, perseverança, multidisciplinaridade, tecnologias inovadoras, equipas habilitadas e experiência, temos orgulho em poder afirmar que somos a única companhia farmacêutica no mundo totalmente integrada e dedicada ao tratamento das doenças mentais e do cérebro.

Temos consciência de que, atualmente, as condições de saúde mental e do cérebro afetam quase 3 mil milhões de pessoas em todo um mundo e que quem vive com esta condição tem uma esperança média de vida de menos 10/20 anos, quando comparada com uma pessoa saudável. Na Lundbeck estamos incansavelmente dedicados a modificar este panorama através de uma abordagem multifacetada. Além do desenvolvimento de terapêuticas médicas transformadoras, queremos fazer a diferença para os doentes, através de um maior apoio às famílias afetadas e do trabalho com a comunidade, com o objetivo de criar uma maior aceitação social destes doentes. Queremos também capacitar os doentes e dar-lhes ferramentas e recursos para que possam entender as suas doenças e utilizar a ciência para fazer uma diferença real na vida de todos os que vivem com uma doença mental ou do cérebro.

Foi a 14 de agosto de 1915 que Hans Lundbeck fundou a sua primeira empresa, em Copenhaga, uma empresa que começou por operar como uma empresa

comercial, mas a partir de meados da década de 1920, adicionou produtos farmacêuticos ao seu portfólio. Foi desde essa altura que a pesquisa constante e o desenvolvimento médico têm feito parte do nosso ADN e são a nossa maior contribuição para a sociedade. Combinando a lógica da ciência com a nossa paixão por fazer a diferença para os doentes, fomos e continuamos a ser, pioneiros em algumas das terapêuticas mais importantes e usadas nas classes dos antipsicóticos e antidepressivos. Os nossos produtos estão disponíveis em mais de 100 países onde trabalhamos em estreita colaboração com doentes, profissionais de saúde e a comunidade de neurociência para descobrir causas e encontrar novos tratamentos que possam trazer de volta a qualidade de vida das pessoas que vivem com distúrbios mentais e do cérebro.

Hoje, somos mais de 5.600 pessoas em mais de 50 países. Construímos a nossa herança fomentando uma cultura de colaboração, responsabilidade e respeito e estamos todos incansavelmente dedicados em restaurar a saúde mental e do cérebro.

PATOLOGIAS MENTAIS E DO CÉREBRO

- » Depressão,
- » Esquizofrenia
- » Ansiedade
- » Doença Bipolar
- » Enxaqueca
- » Doença de Alzheimer
- » Doença de Parkinson

OUR BELIEFS

Patient-Driven
Courageous
Ambitious
Passionate
Responsible

www.lundbeck.com

Ao colocarmos a **VIDA** em primeiro lugar, criamos um **LEGADO** que perdura.



Na MSD trabalhamos para um futuro com mais esperança



Temos descoberto para a vida há 130 anos, através do desenvolvimento e disponibilização de medicamentos e vacinas para os maiores desafios em saúde. Em Portugal, cumprimos meio século de histórias e inovações. Queremos renovar o nosso compromisso: continuar a ser uma empresa próxima, de pessoas que traba-

lham para outras pessoas, para melhorar as suas vidas. Contribuímos para mudar para melhor a vida de muitos neste percurso com a nossa ciência pioneira, mas estamos de olhos postos num futuro onde ambicionamos ter ainda mais impacto na vida dos portugueses.

Quando trazemos inovação para a onco-

logia, trazemos também esperança. Protegemos gerações com as nossas vacinas. Ao procurar soluções para o tratamento e gestão da infeção por VIH e da Diabetes, continuamos a fazer a diferença.

O que queremos para os próximos 50 anos? Tudo. Fazer nascer, crescer, acreditar. O nosso compromisso é para a vida.

A NOSSA LIDERANÇA



"Temos uma curiosidade infinita que nos leva a desafiar os limites da ciência".
Vitor Virginia, Diretor Geral



"A saúde e a tecnologia deram as mãos e são hoje em dia dois vetores da sociedade que convergem para o mesmo propósito."
António Pinheiro, Business Operations & Strategy Director



"O rigor na gestão dos recursos financeiros e a robustez dos sistemas de controle interno são fatores críticos para o sucesso contínuo da atividade da nossa empresa."
Hugo Abreu, Finance Director



"A MSD está determinada a salvar e melhorar a vida dos doentes levando, a todos, medicamentos inovadores, em parceria com hospitais, sociedades científicas e associações de doentes."
Cristina Ramalho, Hospital Business Unit Director



"Na organização de cuidados de saúde primários, a promoção da saúde e a prevenção da doença, através de medicamentos, vacinas e soluções inovadoras, estão no nosso ADN."
José Brás, Primary Care Business Unit Director



"As ações são a melhor forma de expressar a Ética."
Maria Cristina Ribeiro, Legal & Compliance Director



"Criamos a diferença apoiando as nossas pessoas a desenvolver e atingir o seu máximo potencial, construindo uma cultura de diversidade. Procuramos continuamente um ambiente de trabalho de excelência, um Great Place to Work."
Filipa Figueira, HR Associate Director



"Vivemos o nosso compromisso: «Leading Innovation. Changing Lives»"
Paula Martins de Jesus, Medical Director



"Trabalhamos arduamente para ajudar a melhorar e prolongar a vida das pessoas com cancro."
Pedro Guedes da Silva, Oncology Business Unit Director



"O acesso a medicamentos inovadores, a compreensão das políticas de saúde, a comunicação eficaz, a criação de valor corporativo e a interação estreita com os nossos stakeholders, são eixos que estruturam a nossa atividade."
Pedro Marques, External Affairs Director

www.msd.pt/



Anja Salehar
Diretora Geral
da Novo Nordisk Portugal

ÁREAS TERAPÊUTICAS

- » Diabetes
- » Hemofilia
- » Obesidade
- » Distúrbios do Crescimento

www.novonordisk.pt

Novo Nordisk Portugal: Crescimento sustentável para transformar a vida das pessoas com doença crónica

2021 é um ano repleto de significado e responsabilidade para a Novo Nordisk: há muitos meses a combater a pandemia da covid-19, reforçámos a nossa presença junto das pessoas que sofrem de doenças crónicas como a obesidade e a diabetes, doenças que representam um fator de risco em caso de infeção pelo SARS-COV 2. Percebemos que é mais importante do que nunca mantermo-nos firmes e focados na nossa missão de derrotar a diabetes, a obesidade e outras doenças crónicas, como a hemofilia.

De olhos postos num presente desafiante e num futuro que nos entusiasma, 2021 é também um ano em que olhamos orgulhosamente para trás e vemos como a Novo Nordisk contribuiu para o desenvolvimento e evolução da insulina, cuja descoberta celebra este ano cem anos. Cem anos de vidas salvas e de qualidade de vida acrescentada aos milhões de pessoas que vivem com diabetes em todo o mundo.

Mas o orgulho que temos pela forma como contribuimos para a história da insulina também aumenta a nossa responsabilidade. Nos dias de hoje, a Novo Nordisk é a fornecedora de cerca de metade da insulina utilizada em todo o mundo. Os nossos produtos são comercializados em cerca de 170 países e estimamos que aproximadamente 30 milhões de pessoas utilizam os nossos tratamentos para a diabetes.

Em 2020 a nossa absoluta prioridade foi garantir que todas estas pessoas tinham acesso aos medicamentos dos quais precisam para viver. Cumprimos essa missão com sucesso graças aos valores sólidos e claros da companhia, que nortearam sempre o nosso trabalho.

Mas queremos ir mais além na nossa missão. E é por isso que definimos como prioridades estratégicas até 2025 o elevar da fasquia da inovação no tratamento da

diabetes e o desenvolvimento de melhores soluções para o tratamento da obesidade. A estas, junta-se o compromisso da sustentabilidade que assumimos como pilar fundamental da nossa atividade. Queremos, por um lado, ser respeitados pelo valor que acrescentamos à sociedade por combatermos doenças que são desafios de saúde pública em todo o mundo, e, por outro, por continuarmos empenhados em atingir um impacto ambiental zero em todas as atividades que desenvolvemos.

O acesso à inovação terapêutica e aos melhores cuidados de saúde é o nosso foco, num contexto que exige um novo olhar sobre o peso que as doenças crónicas têm na saúde dos portugueses. A Novo Nordisk Portugal tem sido, e continuará a ser, um parceiro na procura de novos modelos de acesso aos tratamentos mais inovadores, com o objetivo de encontrar soluções que garantam os melhores resultados para os doentes e que salvaguardem a sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde. Pretende, ainda, ser um parceiro na implementação de projetos de prevenção e combate da diabetes e obesidade. O Cities Changing Diabetes Lisboa e o The Healthy Food Challenge são exemplos de projetos globais da Novo Nordisk com impacto em Portugal, que procuram soluções inovadoras para, em parceria com entidades locais, prevenir a diabetes e a obesidade nas populações mais vulneráveis.

A Novo Nordisk é uma companhia global de cuidados de saúde com 98 anos de inovação e liderança no tratamento da diabetes. Fundada em 1923, tem a sua sede em Bagsværd, Dinamarca, e conta já com 80 afiliadas em todo o mundo, entre as quais Portugal, desde 1986.



Acompanhando a mulher em todas as fases da sua vida.



www.procurehealth.com.pt



Miguel Coelho
Diretor Geral



Ana Valente
Resp. Região Norte



João Rijo
Resp. Região Centro



Carla Cerqueira
Resp. Região Sul I



Ana Guerra
Resp. Região Sul II

www.procurehealth.com.pt/

Respostas para a Mulher de Hoje

“Comprometidos com a Mulher de Hoje”, é uma afirmação que demonstra o propósito da Procure Health, enquanto empresa de Investigação & Desenvolvimento na área da Saúde da Mulher.

Este projeto nasceu em 2012, mas somente em 2016 iniciou a comercialização dos seus produtos. Seguindo um objetivo de globalização, marca atualmente presença em cerca de 55 países. Em Portugal, a Procure Health, estabeleceu-se em meados de 2018, com o lançamento de 3 importantes produtos, tendo desde então alargado a sua presença com novos lançamentos, apesar das limitações que caracterizaram o ano 2020.

A Procure Health Portugal dispõe de uma estrutura “lean”, da base matricial e muito pouco hierarquizada, que permite uma fluidez de comunicação muito eficaz, uma elevada flexibilidade na tomada de decisões e uma capacidade de adaptação e mudança singulares, fatores que contribuíram para o crescente sucesso da empresa.

Nas palavras de Miguel Coelho, Country Manager da empresa, “a nossa estrutura permitiu-nos sobreviver ao facto de termos passado um terço da nossa vida em confinamento. Temos produtos excelentes, métodos e processos eficazes, mas foi graças ao mindset de todos os colaboradores que resistimos a esta ameaça numa fase tão precoce da nossa organização.”

Apesar de difícil, o esforço e a Gestão de Excelência da empresa foram reconhecidos ao ser atribuído à Procure Health o prémio “Objectivo Bemestar” para o laboratório mais comprometido com a Saúde da Mulher.

O futuro será construído com base em novas soluções e em estreita colaboração com profissionais de saúde e doentes, tendo por base as atitudes de sucesso que caracterizam cada colega da nossa organização, liderança, foco nas doentes e nos clientes, iniciativa, agilidade e colaboração. E continuando a divertir-nos fazendo o que sabemos e gostamos de fazer.

SAÚDE ONLINE

WWW.SAUDEONLINE.PT

**ACEDA À INFORMAÇÃO
EXCLUSIVA PARA
OS PROFISSIONAIS
DE SAÚDE**

INSCREVA-SE JÁ
GRATUITAMENTE NO NOSSO SITE
WWW.SAUDEONLINE.PT

Lançado em 2016, o site saudeonline.pt conta hoje com mais de **20.000 utilizadores**. Tendo mais de **150.000** visualizações mensais na sua página.

O portal **Saúde Online** é hoje, indiscutivelmente, a principal referência, entre os meios dedicados à divulgação de informação especializada na área da saúde sendo também o **órgão de comunicação social com maior audiência no segmento da saúde**.



LEO Pharma: Líder em Dermatologia Médica

A LEO Pharma iniciou o seu percurso em Portugal há mais de 24 anos, com a missão de ajudar as pessoas a ter uma pele saudável, mantendo um fiel compromisso com a investigação e o desenvolvimento de novos tratamentos para doenças de pele.

Ao longo deste quase um quarto de século de presença em Portugal, testemunhámos uma profunda transformação do setor farmacêutico e da investigação em Dermatologia médica. A LEO Pharma tem liderado esta transformação com uma aposta clara em investigação e inovação, mantendo vivas as sinergias com sociedades científicas, associações de doentes e instituições, e colocando-nos sempre na pele dos doentes, que integram o nosso ADN.

Em 2020, a LEO Pharma Portugal investiu meio milhão de euros em I&D e a LEO Pharma Iberia é, hoje, um dos mercados prioritários da empresa na Europa. Temos apostado fortemente no desenvolvimento de tratamentos inovadores para melhorar a qualidade de vida das pessoas com doenças da pele, psoríase e dermatite atópica. É o caso do lançamento recente de um fármaco biológico para o tratamento

da psoríase; e outro biológico, em fase de desenvolvimento clínico, para o tratamento da dermatite atópica, e que recebeu recentemente o parecer positivo do CHMP da Agência Europeia de Medicamentos (EMA) e recomendação de autorização de comercialização para o tratamento de dermatite atópica moderada a grave em doentes adultos.

Para 2030, a LEO Pharma delineou uma Estratégia Corporativa centrada no reforço do nosso posicionamento enquanto líderes em Dermatologia Médica, cobrindo todo o espectro de gravidade de doenças da pele.

Em Portugal, a LEO Pharma tem a sua sede em Lisboa e conta, atualmente, com 21 colaboradores. Em 2020, a LEO Pharma Portugal inaugurou novos escritórios no centro de Lisboa.



Nuno Brás
Diretor Geral da LEO Pharma Ibéria

www.leo-pharma.pt

Lisboa: (+351) 217 110 760 | Rua Soeiro Pereira Gomes Lote 1 5ªA, 1600-196 Lisboa
leofarmacuticos@leo-pharma.com | <https://www.linkedin.com/company/leo-pharma-portugal/>



Tillotts Pharma: Melhorar a qualidade de vida das pessoas com doenças gastrointestinais

A Tillotts Farma, companhia do grupo japonês Zeria, é uma empresa multinacional farmacêutica, com sede em Rheinfelden / Basileia, Suíça, com mais de 300 colaboradores em todo o mundo. A Tillotts dedica-se ao desenvolvimento, licenciamento e comercialização de produtos farmacêuticos inovadores para o tratamento de doenças do sistema digestivo. O nosso foco no sistema digestivo significa que temos um conhecimento profundo dos desafios que os gastroenterologistas enfrentam diariamente, encontrando assim em conjunto formas inovadoras de cuidar e curar, melhorando a qualidade de vida de cerca de 6 milhões de pessoas que vivem com Doença Inflamatória do Intestino (DII) em todo mundo.

A farmacêutica iniciou recentemente a sua atividade em Portugal, estando integrada na Tillotts Pharma Ibéria. Os primeiros colaboradores contratados em Portugal integram a área comercial e a Tillotts estabeleceu já uma rede de parcerias em diferentes áreas para o desenvolvimento das suas operações.

Como parte do nosso compromisso, a Tillotts pretende continuar a apostar na investigação e no desenvolvimento de novos fármacos, a colaborar com a Gastroenterologia e, assim, disponibilizar novos medicamentos às pessoas com doenças gastrointestinais. Foi a primeira empresa a lançar uma messalazina no mercado mundial e mais recentemente adquiriu um antibiótico, a fidaxomicina, para o tratamento de infeções por Clostridium difficile.

Enquanto empregador atrativo, investimos nas pessoas ao oferecer um ambiente de trabalho vanguardista e permitindo aos nossos colaboradores criar um equilíbrio flexível entre o trabalho e a sua vida pessoal.



Sergio Serra
Diretor Geral
da Tillotts Pharma Ibéria

<https://www.tillotts.com/>

Lisboa: (+34) 931 785 949 | Gran Vía de les Corts Catalanes 680, 1º, 08010
Barcelona, Espanha | esinfo@tillotts.com

QUEM É QUEM

Na Indústria Farmacêutica em Portugal 2021



O Jornal Económico

SAÚDE ONLINE

*Este guia do universo da indústria
farmacêutica estará também disponível
em www.jornaleconomico.pt*





Filipe Novais
Diretor Geral Astellas Farma Lda.

ASTELLAS FARMA LDA.

Orientada para o futuro, e empenhada em transformar inovação científica em respostas médicas que tragam valor e esperança aos doentes de todo o mundo, a Astellas está na vanguarda da mudança dos cuidados de saúde.

ÁREA DE ATUAÇÃO

Empenhamo-nos, todos os dias, em responder a necessidades médicas não atendidas em áreas terapêuticas prioritárias, tais como a Oncologia, Urologia, Hematologia, Nefrologia, Anti-infecciosos e Transplantação. Em simultâneo, investimos e dedicamo-nos a promover novas áreas terapêuticas.

- ☎ (+351) 214 401 300
- 📍 Lagoas Park, Edifício 5
Torre C, Piso 6,
2740-245 Porto Salvo
- ✉ portugal@astellas.com
- 🌐 <https://www.astellas-pro.com/>
- 🌐 <https://www.linkedin.com/company/astellas-portugal/>



Nelson Ferreira Pires
General Manager
Recordati UK / Recordati Ireland
Jaba Recordati S.A.

"A Jaba Recordati é uma filial do Grupo Recordati fundado em 1926, que comercializa no mercado Português produtos Farmacêuticos de elevado valor acrescentado que melhoram a qualidade de vida e ajudam as pessoas a dela tirarem melhor proveito, de forma mais longa, saudável e produtiva.

O nosso sucesso enquanto empresa farmacêutica beneficia não só os doentes cujas necessidades desejamos satisfazer, mas também a todos aqueles para quem trabalhamos – os nossos clientes, os nossos acionistas, os nossos parceiros científicos e comerciais e todos os nossos colaboradores e suas famílias. Através dos produtos que resultam da nossa I&D ou de parcerias.

Os nossos medicamentos tratam doenças que afectam milhões de Portugueses, como a hipertensão, doenças da próstata, hipercolesterolemia, esquizofrenia, dor, entre outras áreas que incluem medicamentos OTC e drogas órfão. O nosso contributo não se limita

aos nossos produtos mas também à contribuição activa para a formação pós-graduada dos profissionais de saúde e para uma cultura de responsabilidade social, que nos permite devolver à sociedade, um pouco do muito que esta nos dá."

- ☎ (+351) 21 432 95 00 | 21 915 19 30 (fax)
- 📍 Av. Jacques Delors
Ed. Inovação 1.2, Piso 0 - Taguspark
2740-122 PORTO SALVO
- ✉ nelson.pires@jaba-recordati.pt
- 🌐 www.jaba-recordati.pt

A. MENARINI PORTUGAL FARMACÊUTICA S.A.

Quinta da Fonte, Edifício D. Manuel I - Piso 2-A
2770-071 Paço de Arcos
Telef: 210 935 500
Site: www.menarini.pt

ABBOTT LABORATÓRIOS, LDA

Estrada de Alfragide, 67
Alfraparque - Edif. D 2610-008
Amadora
Telef: 214 727 100
Site: www.pt.abbott

ABBVIE, LDA.

Estrada de Alfragide, 67 -
Alfrapark - Edifício D - Alfragide
2610-008 Amadora
Telef: 211 9084 00
Site: abbvie.com

ALMIRALL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA

Rua do Central Park, Edifício 3, 6,
4º B 2795-242 Linda-a-Velha
Telef: 214 155 750
Site: www.almirall.com

Alcon

Quinta da Fonte, Edifício Q56 - D.
Pedro I, Rua dos Malhões, Nº 5,
1º Piso, Frações C e D
2770-071 Paço de Arcos
Alter S.A.
Estrada Marco do Grilo
Zemouto 2830 COINA
Tel.: 212 109 430

AMGEN - BIOFARMACÊUTICA, LDA

Edifício D. Maria I (Q60)-Piso 2A
Quinta da Fonte
2770-229 Paço de Arcos
Telef: 214 220 550
Site: www.amgen.pt

ANGELINI FARMACÊUTICA, LDA

Rua João Chagas, 53 - 3º
1495-072 Algés
Telef: 214 148 300
Site: www.angelini.pt

ASTELLAS FARMA, LDA

Lagoas Park Edifício 5, Torre C,
Piso 6 2740-245 Porto Salvo
Telef: 214 401 300
Site: www.astellas.com.pt

ASTRAZENECA - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA

Rua Humberto Madeira, 7 Queluz
de Baixo 2730-097 Barcarena
Telef: 214 346 100
Site: www.astrazeneca.pt

BAUSCH & LOMB, S.A

Av. da República, 25 - Fracção 6A
1050-186 Lisboa
Telef: 214 253 347
Site: www.bausch.com

BAYER PORTUGAL, LDA

R. da Quinta do Pinheiro, 5
Ourela 2794-003 Carnaxide
Telef: 214 172 121
Site: www.bayer.pt

Baldacci Portugal, S.A.

Rua Cândido de Figueiredo, 84 B
1549-005 Lisboa
Tel.: 217 783 031

BENE FARMACÊUTICA, LDA

Av. D. João II, Ed. Atlantis,
44-C - 1º 1990-095 Lisboa
Telef: 211 914 455
Site: www.benefarmaceutica.pt

BIAL - PORTELA & CA., S.A.

Av. da Siderurgia Nacional
4745-457 São Mamede Coronado
Telef: 229 866 100
Site: www.bial.com

BIALPORT - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A

Estrada do Paço do Lumiar
Campus do Lumiar Edifício O
1649-038 Lisboa
Telef: 217 704 010
Site: www.bial.com

BIOGEN PORTUGAL SOCIEDADE FARMACÊUTICA, UNIPESSOAL LDA.

Av. Duque D'Ávila, 141 - 7º andar
1050-081 Lisboa
Telef: 213 188 450
Site: www.biogen.pt

BIOMERIEUX PORTUGAL - APARELHOS E REAGENTES DE LABORATÓRIO, LDA

Av. 25 de Abril de 1974, 23, 3º
2795-197 Linda-a-Velha
Telef: 214 152 350
Site: www.biomerieux.pt



SANOFI PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.



Francisco Del Val
Director-Geral

A Sanofi dedica-se a apoiar as pessoas que lidam com desafios na sua saúde. Somos uma companhia bio farmacêutica global especializada em saúde humana. Agimos na prevenção da doença com as nossas vacinas e disponibilizamos tratamentos inovadores. Apoiamos tanto os doentes com doenças raras como os milhões de pessoas com doenças crónicas. Em Portugal, a companhia está presente em todo o território nacional com cerca de 150 colaboradores e um portefólio distribuído por 4 áreas: General Medicines, Sanofi Genzyme (doenças raras, doenças raras hematológicas, oncologia, esclerose múltipla e imunologia), Sanofi Pasteur (vacinas) e a sua unidade autónoma de Consumer

Healthcare (CHC - autocuidado). A Sanofi tem um plano de investimento ambicioso em investigação clínica, tendo vindo a redesenhar o seu portefólio de I&D para se dedicar ao desenvolvimento de produtos First in Class ou Best in Class. A Unidade de Ensaios Clínicos da Ibéria conta investir mais de 8,5 milhões de euros nos próximos anos em ensaios já aprovados para serem conduzidos no nosso país. Atualmente a Sanofi tem mais de 30 ensaios clínicos (fase I a IV) a decorrer em Portugal, em mais de 100 centros de investigação distribuídos por diversos hospitais a nível nacional. A Sanofi está na linha da frente na Investigação Clínica, tendo aumentado de forma significativa a sua atividade nos últimos anos, estando a conduzir ensaios clínicos em mais diversas áreas da Oncologia, Neurologia, Imuno-Alergologia, Dermatologia, Pneumologia, Otorrinolaringologia, Nefrologia e Doenças Raras, proporcionando aos doentes portugueses o acesso a terapêuticas completamente inovadoras. A Sanofi e os seus mais de 100.000 colaboradores, distribuídos por 100 países, transformam a inovação científica em soluções de saúde em todo o mundo.

Sanofi, Empowering Life!

PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA
 (+351) 213 589 400
 Empreendimento Lagoas Park
 Edifício 7 - 3º Piso
 2740-244 Porto Salvo
 geral.pt@sanofi.com

BLUEPHARMA GENÉRICOS - COMÉRCIO DE MEDICAMENTOS S.A.

Rua da Bayer São Martinho do Bispo 3045-016 Coimbra
Telef: 239 800 300
Site: www.bluepharma.pt

BOEHRINGER INGELHEIM, LDA

Unifarma, Lda. Av. de Pádua, 11 1800-289 Lisboa
Telef: 213 135 300
Site: webmaster@lis.boehringer-ingelheim.com

BRISTOL-MYERS SQUIBB FARMACÊUTICA PORTUGUESA, S.A.

Quinta da Fonte Edif. Fernão de Magalhães, Rua Quinta da Fonte 2780-730 Paço de Arcos
Telef: 214 407 000
Site: www.bms.com (ATENÇÃO À MORADA)

BSG PHARMACEUTICALS PRODUTOS FARMACÊUTICOS INOVADORES, S.A

Av. Casal Ribeiro, 18 – 7º Dto 1000-092 Lisboa
Telef: 213 522 785
Site: www.schuelke.pt

BOIRON

Edif. Mar do Oriente - Rua do Mar Vermelho, Nº 2 - Fração 2.4 1990 - 152 Lisboa
Tef: 211 932 091
Site: www.boiron.pt

CELGENE, SOCIEDADE UNIPESSOAL, LDA.

Lagoas Park, Edifício 7 - Piso 1 Sul 2740-244 Porto Salvo
Telef: 210 044 300
Site: www.celgene.com

CICLUM FARMA UNIPESSOAL, LDA

Quinta da Fonte, Edifício D. Amélia, Piso 1 - Ala B 2770-229 Paço de Arcos
Telef: 211 209 870
Site: www.ciclumfarma.pt

CPCH - COMP. PORT. CONSUMER HEALTH, LDA

Av. António Augusto de Aguiar 108-8.º 1050-019 Lisboa
Telef: 214 449 630
Site: www.cpch.pt

DAIICHI SANKYO PORTUGAL, LDA

Rua das Lagoas Pequenas, Edifício 5B, Piso 3 Lagoas Park, 2740-245 Porto Salvo
Telef: 214 232 010
Site: www.daiichi-sankyo.pt

DÁVI II FARMACÊUTICA, S.A

Estr. Consiglieri Pedroso, 71 Edifício D - 3º Esq. 2730-055 Barcarena
Telef: 214 340 000
Site: www.davi.pt

EISAI FARMACÊUTICA, UNIPESSOAL, LDA

Lagoas Park - Edifício 5 Letra A - Piso 6 2740-298 Porto Salvo
Telef: 214 875 540
Site: www.eisai.com

FERRER PORTUGAL S.A.

Rua Quinta do Paizinho, 1 - 1º Dto Portela de Carnaxide 2794-066 Carnaxide
Telef: 214 449 600
Site: www.ferrer.com

FERRING PORTUGUESA, LDA.

Rua Alexandre Herculano, Edf. 1 - 6º Piso 2795-240 Linda-a-Velha
Telef: 219 405 190
Site: www.ferring.pt

FRESENIUS MEDICAL CARE PORTUGAL, SA.

Rua Prof. Salazar de Sousa, Lote 12 Urbanização da Qta. das Pedreiras 1750-233 Lisboa
Telef: 217 501 100
Site: www.fresenius-medical-care.pt

GEDEON RICHTER PORTUGAL, SA

Apartado 19081 EC Gare do Oriente 1991-901 Lisboa

GILEAD SCIENCES, LDA.

Atrium Saldanha Praça Duque de Saldanha, 1 – 8ºA e B 1050-094 Lisboa
Telef: 217 928 790
Site: www.gilead.com

GLAXO WELLCOME FARMACÊUTICA, LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores 1499-013 Algés
Telef: 214 129 500
Site: www.gsk.com

GLAXOSMITHKLINE - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores 1499-013 Algés
Telef: 214 129 500
Site: www.gsk.com

GLAXOSMITHKLINE CONSUMER HEALTHCARE - PRODUTOS PARA A SAÚDE E HIGIENE, LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores 1495-131 Algés
Telef: 214 129 500
Site: www.gsk.com

GRUNENTHAL, S.A.

Alameda Fernão Lopes, 12 - 8ºA 1495-190 Algés
Telef: 214 726 300
Site: www.grunenthal.pt

IPSEN PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A.

Alameda Fernão Lopes, 16 - 11º Miraflores 1495-190 Algés
Telef: 214 123 550
Site: www.ipsen.com

ISDIN - LABORATÓRIO FARMACÊUTICO UNIPESSOAL, LDA

Edifício Xerox Av. Infante D Henrique, 1C 1950-421 Lisboa
Site: www.isdin.com

JABA RECORDATI S.A.

Avenida Jacques Delors Edifício Inovação 1.2 Piso 0 Tagus Park Parque de Ciência e Tecnologia 2740-122 Porto Salvo
Telef: 214 329 500
Fax: 21 9151930
Site: www.jaba-recordati.pt

JANSSEN CILAG FARMACÊUTICA, LDA

Lagoas Park, Edifício 9 2740-262 Porto Salvo
Telef: 214 368 600
Site: www.janssen.com/portugal

JOHNSON & JOHNSON, LDA.

Lagoas Park, Edifício 9 2740-262 Porto Salvo
Telef: 214 368 600
Site: www.jnj.pt

KORANGI - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua da Vinha, 17 2765-388 Estoril
Telef: 219 251 901
Site: www.korangi.pt

LABORATÓRIO EDOL, PRODUTOS FARMACÉUTICOS, S.A.
Rua Casal do Canas, n-6
2790-204 Carnaxide
Telef: 214 158 130
Site: www.edol.pt

LABORATÓRIO MEDINFAR - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, S.A.
Rua Henrique de Paiva Couceiro,
29, Venda Nova 2700-451
Amadora
Telef: 214 997 400
Site: www.medinfar.pt

LABORATÓRIOS ATRAL, S.A.
Rua da Estação,
42 Vala do Carregado
2600-726 Castanheira do Ribatejo
Telef: 263 856 800
Site: www.atralcipan.com

LABORATÓRIOS AZEVEDOS - INDÚSTRIA FARMACÉUTICA, S.A.
Estrada da Quinta 148 – 148 A
Manique de Baixo
2645-436 Alcabideche
Telef: 214 725 900
Site: www.grupoazevedos.com

LABORATÓRIOS BASI - INDÚSTRIA FARMACÉUTICA, S.A.
Parque Industrial Manuel
Lourenço Ferreira, Lote 15
3450-232 Mortágua
Telef: 231 920 250
Site: www.basi.pt

LABORATÓRIOS GALDERMA SA - SUCURSAL EM PORTUGAL
Rua Afonso Praça, n.º 30 – 7.º andar
1495-061 Algés
Telef: 213 151 940
Site: www.galderma.pt

LABORATÓRIOS INIBSA, S.A.
Sintra Business Parck,
Edifício 1 - 2.º I Zona Industrial
da Abrunheira 2710-089 Sintra
Telef: 219 112 730
Site: www.inibsa.pt

LABORATÓRIOS PFIZER, LDA.
Lagoas Parque, Edifício 10
2740-271 Porto Salvo
Telef: 214 235 500
Site: www.pfizer.pt

LABORATÓRIOS VITÓRIA, S.A.
Rua Elias Garcia, 28
2700-327 Amadora
Telef: 214 758 300
Site: www.labvitoria.pt

LEO FARMACÉUTICOS, LDA.
Rua Soeiro Pereira Gomes,
Lote 1 – 5.ºA 1600-196 Lisboa
Telef: 217 110 760
Site: www.leofarmaceuticos@leo-pharma.com

LILLY PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, LDA.
Torre Ocidente - R. Galileu Galilei,
2 Piso 7 Fracção A/D
1500-392 Lisboa
Telef: 214 126 600
Site: www.lilly.pt

Ferraz Lynce, SA
Rua Consiglieri Pedroso, 123
2731-901 Barcarena
Portugal

LUNDBECK PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÉUTICOS UNIPESOAAL, LDA.
Rua da Quinta da Quinta, Ed. Q37
Plaza II, n.º5, Piso 0, fração D e E
2770-203 Paço de Arcos
Telef: 210 045 900
Site: www.lundbeck.com

LUSOMEDICAMENTA, SOCIEDADE TÉCNICA FARMACÉUTICA, S.A.
Estrada Consiglieri Pedroso, 69-B
Queluz de Baixo
2730-055 Barcarena
Telef: 214 340 000
Site: www.lusomedicamenta.pt

MEDTRONIC PORTUGAL, LDA.
Centro Empresarial
Torres de Lisboa,
Rua Tomás da Fonseca, Torre E .
11.º andar 1600-209 Lisboa
Telef: 217 245 100
Site: www.medtronic.pt

MENARINI DIAGNÓSTICOS - MATERIAL DE LABORATÓRIO, LDA.
Quinta da Fonte, Edifício D.
Manuel I, 2.º B
2770-203 Paço de Arcos
Telef: 210 930 000
Site: www.menarinidiag.pt

MERCK SHARP & DOHME, LDA.
Edif. Vasco da Gama, 19 Quinta
da Fonte 2770-192 Paço de Arcos
Telef: 214 465 700
Site: www.msd.pt

MERCK, S.A.
Edifício DUO Miraflores Alameda
Fernão Lopes, 12 - 5A,B e 4B
1495-190 Algés,
Telef: 213 613 500
Site: www.merck.pt

MUNDIPHARMA FARMACÉUTICA, LDA.
Lagoas Park Edifício 4 Piso 1
Norte, R. Encosta das Lagoas
2740-267 Porto Salvo Oeiras
Telef: 219 013 162
Site: www.mundipharma.pt

NORGINE - PORTUGAL FARMACÉUTICA UNIPESOAAL, LDA.
Edifício Smart, Rua do Pólo Norte
e Alameda dos Oceanos, Lote
1.06.1.1 – Escritório 1C
1990-235 Lisboa

NOVARTIS FARMA - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, S.A.
Av. Prof. Dr. Cavaco Silva, 10 E
Taguspark 2740-255 Porto Salvo
Telef: 210 008 600
Site: www.novartis.pt

NOVO NORDISK PORTUGAL Quinta da Fonte,
Rua Quinta da Quintã, n.º 1 - 1.º,
2770-203 Paço de Arcos
Telef: 214 404 000
Site: www.novonordisk.pt

OM PHARMA S.A.
Rua da Indústria, 2 - Quinta
Grande
2610-088 Amadora
Telef: 214 708 500
Site: www.ompharma.pt

ORTHO CLINICAL DIAGNOSTICS Portugal
Unipessoal, LDA Lagoas Park –
Edifício 2 2740 – 265 Porto Salvo
Telef: 800 201 339
Site: www.orthoclinicaldiagnostics.com

PHARMAKERN PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÉUTICOS SOC. UNIPESOAAL, LDA.
Avenida do Forte, 3, Edifício
Suécia I, Piso 0, salas 1.04 e 1.29
2794-038 Carnaxide
Telef: 214200290
Site: www.pharmakern.com

PROCARE HEALTH PORTUGAL PCHP – WOMAN CARE UNIP LDA
Lagoas Park, Edifício 7, Piso 1 Sul
2740-244 Porto Salvo
Telef: 211 224 719
Site: infopt@procarehealth.com

ROCHE - SISTEMAS DE DIAGNÓSTICOS, SOCIEDADE UNIPESOAAL, LDA.
Estrada Nacional, 249 - 1
2720-413 Amadora
Telef: 214 257 000
Site: www.roche.pt

ROCHE FARMACÉUTICA QUÍMICA, LDA.
Estrada Nacional, 249 - 1
2720-413 Amadora
Telef: 214 257 000
Site: www.roche.pt

SANOFI - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, LDA.
Empreendimento Lagoas Park -
Edifício 7 - 3.º andar
2740-244 Porto Salvo
Telef: 213 589 400
Site: www.sanofi.pt

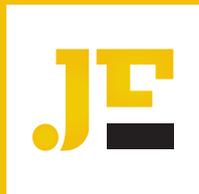
SERVIER PORTUGAL - ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar,
128
1050-020 Lisboa
Telef: 213 122 000
Site: www.servier.com

SOFARIMEX - INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÉUTICA, SA.
Avenida das Indústria
Alto de Colaride 2735-213 Cacém
Telef: 214 328 200

TAKEDA - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, LDA.
Quinta da Fonte,
Rua dos Malhões n.º5,
Edifício Q56 D. Pedro I, Piso 3
2770-071 Paço de Arcos
Telef: 211 201 457
Site: www.takeda.pt

TECNIFAR - INDÚSTRIA TÉCNICA FARMACÉUTICA, S.A.
Rua José da Costa Pedreira,
11B – Torre Sul
1750-130 Lisboa
Telef: 210 330 700
Site: www.tecnifar.pt

TECNIMEDE - SOCIEDADE TÉCNICO-MEDICINAL, S.A.
Rua da Tapada Grande,
2 Abrunheira
2710-089 Sintra
Telef: 210 414 100
Site: www.tecnimed.pt



O Jornal Económico

EDIÇÃO DIGITAL DESDE 0,99€/SEMANA*

*assinatura anual 51,99€



O Jornal Económico surge também em versão digital. As melhores notícias da economia nacional e internacional de forma portátil, inteligente, económica e amiga do ambiente. Para ler em qualquer lugar e através de qualquer dispositivo (computador, tablet ou smartphone).

Aproximamos a economia de si.

Subscreva já em: jornaleconomico.sapo.pt/assinaturas

THERMO FISHER SCIENTIFIC
11, Lagoas Park, Edifício n, 2740-
270 Porto Salvo

**UCB PHARMA (PRODUTOS
FARMACÊUTICOS), LDA.**
Estrada de Paço de Arcos, 58
P - 2770-130 Paço de Arcos
Telef: 21 302 5300
Site: www.ucb.com

**VIIVHIV HEALTHCARE,
UNIPESSOAL, LDA**
Rua Dr. António Loureiro
Borges, nº3, Arquiparque -
Miraflores 1499-013 Algés
Telef: 210 940 801
Site: www.viivhealthcare.com

**ZAMBON - PRODUTOS
FARMACÊUTICOS, LDA.**
Rua Comandante Enrique Maya, 1
1500-192 Lisboa
Telef: 217 600 954
Site: www.zambon.pt

ZENTIVA PORTUGAL, LDA
Alameda Fernão Lopes, nº16,
bloco A, 8º Piso,
1495-190 Algés – Portugal
Tel: (+351) 21 060 13 60
E-mail: pt-zentiva@zentiva.com
Site: www.zentiva.pt



As informações deste diretório, foram gentilmente cedidas pela Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, que congrega a maioria das empresas do setor. Esta listagem é, pois, representativa do setor, ainda que não inclua a totalidade das empresas farmacêuticas que operam em Portugal.

